



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TAMINE CAUCHIOLI RODRIGUES

**Vivendo e Aprendendo a ser Educadora: diálogos com memórias e
práticas educativas de uma escola de educação infantil.**

**BRASÍLIA
2011**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TAMINE CAUCHIOLI RODRIGUES

**Vivendo e Aprendendo a ser Educadora: diálogos com memórias e
práticas educativas de uma escola de educação infantil.**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Doutora Maria Alexandra Militão Rodrigues, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dr^a Maria Alexandra Militão Rodrigues

**BRASÍLIA
2011**

Rodrigues, Tamine Cauchioli.

Vivendo e Aprendendo a ser Educadora: diálogos com memórias e práticas educativas de uma escola de educação infantil/ Tamine Cauchioli Rodrigues. – Brasília, 2011.

Ensaio – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2011.
Orientadora: Doutora Maria Alexandra Militão Rodrigues

1. Educação Infantil 2. Formação do Educador 3. Práticas pedagógicas Inovadoras

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TAMINE CAUCHIOLI RODRIGUES

**Vivendo e Aprendendo a ser Educadora: diálogos com memórias e
práticas educativas de uma escola de educação infantil.**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Doutora Maria Alexandra Militão Rodrigues, como requisito parcial e insubstituível para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Comissão examinadora

Professora Doutora Maria Alexandra Militão Rodrigues
Orientadora e Examinadora

Professora Doutora Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Membro titular da banca – Universidade de Brasília

Professor Mestre Tadeu Queiroz Maia
Membro titular da banca – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

MEMORIAL	6
PARA COMEÇAR O DIÁLOGO	12
HISTÓRIA E MEMÓRIA COLETIVA: ENTRE O DOCUMENTO, A ORALIDADE E O REGISTRO AUDIOVISUAL	14
POR QUE UMA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E EDUCADORES?	19
A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO EDUCATIVO ONDE “AS CRIANÇAS BRINCAM E OS PAIS APRENDEM”... OU VICE-VERSA	22
SOBRE OS PRINCÍPIOS, A ROTINAS E OS DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS	25
O DESAFIO DE IR EMBORA	32
SEMENTES QUE CRIAM RAÍZES: A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCADORA	36
PARA “CONCLUIR” O DIÁLOGO	39
PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	40
REFERÊNCIAS	41
ANEXO	43

MEMORIAL

Deparo-me, nesse momento, com o desafio de parar, pensar, re-lembrar, refletir e escrever sobre mim, sobre a minha história e como ela influenciou a maneira que vivo e enxergo “o hoje”.

Ao pensar no meu processo educativo, minha família é o primeiro ambiente em que vivi, experimentei, iniciei esse processo. Foi junto a minha mãe e ao meu pai, ao lado da minha avó e avô maternos, dos meus tios, tias, primas e primos, na estrada Brasília-Uberlândia que construí com eles, meus primeiros Educadores e Educadoras, os meus passos iniciais

Não tenho muitas lembranças de momentos ou acontecimentos de antes dos meus 3 anos. Isso quer dizer, não me lembro dos 2 primeiros anos que vivi em Brasília, nem do meu primeiro ano de escola em Uberlândia.

Com 4 anos entrei em uma escola chamada Doce Mel. Lugar pequeno com estrutura de casa: as salas de aulas eram nos quartos e na sala de estar, tinha um inesquecível quintal, com piscina e um tanque de areia, no qual, junto com as crianças, brincava um velho jabuti, que tinha como comida preferida as cascas das jabuticabas que colhíamos direto do pé. Sem dúvida, a maioria das minhas memórias são dos momentos livres, durante os quais, junto com meus amigos, explorávamos aquele espaço...éramos caçadores, personagens de desenho animado, mães, pais, cachorros, tínhamos paixões, casamentos, filhos.... Nesse ambiente, construí amizades que perduraram durante muitos anos. E com alguns tenho contato até hoje.

Agora, o mais interessante das minhas memórias dessa escola é que não me lembro de nenhuma professora, nem de maneira positiva, nem de maneira negativa, simplesmente não lembro. A única adulta que me lembro era da diretora: uma figura loira, com uma risada engraçada e que tinha uma tesoura de unha mágica; várias crianças faziam questão de cortar as unhas com ela. Lembro-me dela nos encontros festivos que tínhamos. Eram festas brega, a fantasia, junina, acampamento, ela ia fantasiada e participava de tudo. Um dia especial com essa Educadora ocorreu quando minha mãe se atrasou muito para me buscar, todos já tinham ido embora, só estava eu e ela na escola e, para não esperar muito mais tempo, ela me levou para sua casa. Era uma casa bem aconchegante, com cheiro gostoso e almofadas macias.

Hoje, quando penso nessa escola, as palavras que mais se enfatizam dentro de mim são: amizade, carinho, alegria, aconchego.

Nesses anos em que passei na Doce Mel, morei com meus pais em um apartamento que, proporcionalmente ao meu tamanho daquela época, era imenso. Tínhamos armários enormes que eram meu lugar preferido para brincar de casinha, de esconder e, até mesmo, para ver televisão. Em casa sempre tive muito espaço. Minha mãe e meu pai me acompanhavam em várias aventuras, construindo ou ajudando a construir “brinquedos”, como máquina de escrever de caixa de ovos,

castelo de caixa de fogão, montar cabanas. Eram muitos os espaços para explorar com várias brincadeiras. Tinha um quartinho onde ficavam todos os cacarecos, era um grande escritório de brincadeiras, tinha uma varanda boa para deitar e ver a rua e a lua, tinha uma cozinha grande para “ajudar” a cozinhar.

Sou filha única. Até os 19 anos fui a mais nova da família, por parte de pai, e, até os 22 anos, por parte materna. Meus primos e primas paternos foram (são) meus irmãos. Convivia muito com eles nos anos em que vivi em Uberlândia. Com eles tive meus primeiros aprendizados, sobre dividir, negociar, respeitar as características dos outros, entre tantos outros conhecimentos que se adquire em aventuras por aí.

É...foi com a minha família que eu comecei a aprender só com o olhar, o admirar e ser admirada. Foi com ela que aprendi que diferença de idade é apenas uma questão de tempo, segundos, e não de sabedoria. Acho que aqui, neste momento, o verbo TROCAR deixou de ser só um verbo e ganhou um sentimento. Foi necessário chegar, chegar não, viver os meus 22 anos, escrever esse memorial para enxergar esse nascimento na minha história.

Hoje, quando penso nesse tempo, de casas de tio e de tia, primas e primos, faz-de-conta com meus pais, as palavras que mais borbulham dentro de mim são: amizade, carinho, alegria, aconchego, limite, riso, alegria, companheirismo, curiosidade.

Após esses deliciosos anos de doses frequentes de “Doce Mel”, a educação infantil terminou para mim (será mesmo?). Não havia mais quartos ou sala de estar para que eu pudesse me acomodar. O que me restava era ir conhecer e descobrir novos lugares, desvendar novas aventuras. Não tenho memórias tristes ou doloridas sobre essa mudança para o início do ensinou fundamental. Pelo contrário, era muito interessante aquele espaço, muito grande, muitas crianças maiores do que eu, cantina, freiras, muitas novidades. O que garantiu essa transição com toda essa tranquilidade, de acordo com o que me recordo, foi, com certeza, a presença dos meus fieis amigos da Doce Mel; fomos quase todos para essa escola. Sim, por isso, estava segura!

Foi com essa mudança, ou a partir dela, que em minhas memórias as perguntas e os questionamentos começaram a ter um espaço significativo. Por que tínhamos que fazer fila para tudo? Por que menino e meninas não podiam ficar juntinhos demais? Por que tínhamos que rezar todos os dias? E a capela, o que era aquilo? Letra bonita, para que? Não basta entender? Mas, enfim, essas perguntas não tinham tanta necessidade de resposta, já que para encarar todos esses mistérios tinha meus amigos por perto.

Ao final desse ano, tudo começou, as grandes e marcantes mudanças da minha vida começaram a acontecer. Meus pais passaram a morar em casas diferentes, minha mãe se formou e conseguiu um trabalho em Brasília.

Voltei para Brasília. Que lugar esquisito, eu e minha mãe fomos morar com meus avôs e

com minha tia, que desafio, acabava de ganhar uma irmã mais velha, mais uma mãe e mais um pai. Foram seis meses até eu e minha mãe mudarmos para um apartamento nosso. Era uma relação familiar diferente da que eu já tinha tido com eles antes, de passar férias juntos. Conviver com pessoas que agiam e pensavam de outra maneira. A conversa não tinha tanto espaço como eu sempre estava habituada com meus pais e família de Uberlândia. Era mais parecido com o meu novo colégio: tem que fazer porque tem que fazer e ponto. Mas aqui eu não tinha meus amigos. Não podia ir com a minha mãe para o novo trabalho ou ir às aulas da universidade. Meu pai, eu o via nos fins de semana, a saudade era tanta que procurar respostas para tudo que acontecia, ocuparia muito tempo.

E para dar mais emoção, comecei a estudar em um colégio que era da mesma linha do que eu já estava estudando, um colégio salesiano. Por ser parecido, achávamos que não teria dificuldades para me adaptar. Eu, minha mãe e meu pai estávamos enganados. Os questionamentos tomaram conta de mim, não dava mais para ignorá-los. Sem muito tempo com meus pais para conversar, convivendo com meus avôs, mesmo com todo amor que sentíamos, não era fácil ter empatia, não conseguia entender o por que de tanta autoridade e eles não entendiam o por que de tanta “petulância”, mas nunca perdemos o respeito e o carinho.

Bem, em casa as situações não estavam as mais favoráveis e tranquilas, já era um grande processo de adaptação. Agora na escola, não tinha construído muitas amizades e ainda tinha que aguentar uma freira que eu mal entendia o que falava, me obrigando a cantar. Isso eu não aguentei, tive que silenciosamente, criar um plano para burlar essa tortura. As aulas de canto eram depois das aulas de português. Como eu “tinha que caprichar muito na minha letra, pois ela era feia”, aproveitei disso e copiei bem devagar, para que todos terminassem e fossem para aula de música e só restasse eu. Tudo deu certo até que a coordenadora encontrou meu esconderijo, me deu uma bronca, mas tão atribulada com tantas broncas para dar que não consegui escrever a minha advertência; mais um golpe de sorte aconteceu e ela ficou um mês de atestado médico e por fim não tive minha advertência.

Foi nesse ano que comecei a perceber que esse tipo de escola não me satisfazia, que não poder perguntar me fazia sofrer e que, principalmente, não me fazia aprender: escola passou a ser muito desinteressante.

Hoje, quando penso nesse tempo, de perguntas sem respostas, de criar planos para fugir, de casa de avôs e de poucas amizades, as palavras que pulam dentro de mim são: limite, curiosidade, saudade, perguntas, amor (para passar por tudo isso junto).

Uma nova época se inicia. Casa nova, escola nova. Volto a estudar em uma escola pequena e acolhedora, onde perguntas eram bem vindas, podia circular por todos os espaços, adultos e crianças conversavam. Aprender e estudar voltaram a ser mais prazerosos. E, mais uma vez,

formou-se um grupo de amizade, entre meninas e meninos, pessoas queridas e companheiras de aventuras até hoje.

E para dar continuidade ao ciclo escolar, depois de dois anos, tenho que mudar de escola. Aquele lugarzinho aconchegante e seguro em que (me) encontrei, não tinha mais espaço para crianças tão grandes. Dessa vez sim, senti um friozinho na barriga por enfrentar mais uma mudança. Antes que o frio na barriga virasse medo, tive a confirmação, eu e boa parte dos meus amigos e amigas íamos para a mesma escola.

Ao chegar a mais uma nova escola, me deparo com a mesma cena, uma escola imensa, crianças e adolescentes de todas as idades, e agora com um número maior de adultos para conviver, além de um professor para cada matéria, uma série de coordenadores e orientadores, para nos auxiliar, acompanhar, vigiar... punir.

Nessa escola, passei 5 anos. Foram muitas experiências boas, muitas ruins, sempre acompanhada de um grande grupo de amigos. E construindo soluções para *comoviver* em uma escola que, desde cedo, nos alertava sobre vestibular, estudar e estudar, ter bom resultado, ter disciplina, com comportamento, esses “detalhes” que são cobrados na maioria nas escolas tradicionais, principalmente as religiosas, como era o caso. Não havia preocupação em construir e sim em transmitir.

Além de todos os percalços vividos, muitas vezes gerados pelo excesso de questionamento, confesso que algumas vezes não me manifestava de maneira clara; tenho divertidas recordações do que vivi com meus amigos e amigas, e lembranças de alguns exemplos de como não ser e como não fazer.

Depois de 5 anos na mesma escola, só faltavam mais dois anos para acabar o ensino médio e essa etapa. Meu pai volta a morar em Brasília, mudo de casa e de escola. Fui para uma escola “diferente”, com apenas 6 turmas de ensino médio, que tinha como principal valor a autonomia dos alunos.

Vivi novamente uma experiência escolar diferente, uma convivência mais próxima com todos os que colaboravam naquele ambiente. Ainda sim, existiam vários questionamentos, principalmente os que tinham relação com o futuro, como: o vestibular, profissão, universidade, cursos. Mas as perguntas que mais me incomodavam, perturbavam, eram as que vinham se construindo durante todo esse trajeto que contei ate agora: será que todos esses conteúdos vão fazer diferença depois? Por que a relação professor(a)-aluno(a) é tão hierarquizada? Por que todas as escolas são praticamente iguais, visam um único resultado? Por que o caminho até esse RESULTADO é indiferente? Por que querem que todos sejam iguais?

E eis que chega ao fim a etapa escolar. Família orgulhosa, eu aliviada, mas só houve tempo para um suspiro.

Hoje, quando penso na minha última etapa escolar, as palavras que me cutucam são: hierarquia, silêncio, transformação, comunicação, individualidade, diferença, questões, descobertas, duvidas, futuro.

Não passei na UnB pelo PAS, provavelmente influenciada pelo desejo de não fazer UnB para poder sair de Brasília e pelo desinteresse pelo curso por que tinha optado, Pedagogia; o desejado, até então era Psicologia. Tentei vestibular para Psicologia em outras duas cidades, não passei, fiz um ano de cursinho. Entrar em uma universidade pública para mim era essencial, afinal, tinha que ter alguma recompensa, pelo menos financeira, depois de todo esse percurso sem respostas. Quando fui me inscrever no quarto vestibular já estava muito descrente e cansada com o processo e comigo. Para minha família, fazer particular não seria problema, para eles era melhor do que “perder” tempo com cursinho. Por isso, foi fácil chegar à conclusão de que optar por um curso “mais fácil” seria a melhor opção, marquei Pedagogia. E fiz minha matrícula em uma faculdade particular no curso de Psicologia.

Bastou um semestre do curso e trabalho com Recursos Humanos para agradecer a todos os casos dos acasos por não ter passado logo em Psicologia. Era uma porcentagem muito pequena do curso que me chamava atenção e poderia fazer sentido para mim. Do curso de Pedagogia, não gostava nem desgostava, mas as experiências que ele me proporcionava, até então, me pareciam bem mais interessantes, mesmo sem me imaginar atuando na área. Foi também no meu primeiro semestre da UnB que conheci o Professor Alaor Passos; foi com as conversas que tínhamos sobre a educação, a vida, o eneagrama, o futuro, as escolhas, que os primeiros encantos com o curso foram se fazendo.

No segundo semestre, deixei a Psicologia, mas continuei trabalhando com RH, o que foi me afastando cada vez mais da área. Conseguí abrir minha mente para as possibilidades da Pedagogia e, assim, na vontade de mergulhar nesse diferente mundo, me inscrevi para o processo de seleção para uma escola que colocara um comunicado de vagas no mural. Fui chamada para a primeira e conheci um espaço muito familiar; nostalgia foi o primeiro sentimento, e ficou um gosto de Doce Mel em minha boca. Inesperadamente, fui chamada para entrar como Educadora da Associação Vivendo e Aprendendo.

Lugar que me acolheu, nele fui e sou educanda e Educadora, me (re)construí diariamente. Foi onde me encontrei. A possibilidade de poder fazer diferente criou raízes fortes e profundas em mim. Foi desse espaço e de tudo que vivi nele que veio a inspiração e o desejo de fazer do meu trabalho de fim de curso um registro, uma (re)significação e um momento para conhecer mais sobre esse coletivo que tanto colaborou e colabora com a minha formação pessoal e profissional.

Quando penso em tudo que vivi até aqui são muitas as palavras que borbulham, cutucam, saltitam, dentro de mim, para não citar todas, peço emprestadas as palavras da música de Arnaldo

Antunes que diz:

Não vou me adaptar.

Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia

Eu não encho mais a casa de alegria

Os anos se passaram enquanto eu dormia

E quem eu queria bem me esquecia

Será que eu falei o que ninguém ouvia?

Será que eu escutei o que ninguém dizia?

Eu não vou me adaptar, me adaptar (3x)

Eu não tenho mais a cara que eu tinha

No espelho essa cara já não é minha

É que quando eu me toquei achei tão estranho

A minha barba estava deste tamanho

Será que eu falei o que ninguém ouvia?

Será que eu escutei o que ninguém dizia?

Eu não vou me adaptar, me adaptar

Não vou me adaptar!

Me adaptar!

Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia

Eu não encho mais a casa de alegria

Os anos se passaram enquanto eu dormia

E quem eu queria bem me esquecia

Será que eu falei o que ninguém ouvia?

Será que eu escutei o que ninguém dizia?

Eu não vou me adaptar, me adaptar

Não vou me adaptar!

Não vou.

Composição : Arnaldo Antunes

PARA COMEÇAR O DIÁLOGO

Neste trabalho, que assume a forma de ensaio, proponho-me a refletir acerca de uma experiência docente/formativa que tive, como Educadora e associada, durante dois anos (2009 e 2010) na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, dialogando com as memórias desse espaço de educação infantil, para melhor compreender as práticas tão singulares nele construídas durante os seus 30 anos de existência, em um ambiente acolhedor e diferente da maioria dos espaços escolares conhecidos. Lá, as crianças são o principal motivo de tudo que se constrói e a família, como um todo, é parte vital da Associação, desde seu início, quando algumas famílias, insatisfeitas com as opções de escola para seus filhos e filhas, optaram por construir uma nova possibilidade de educação.

A motivação para a construção desse diálogo entre experiência, memórias e práticas pedagógicas inovadoras está na escassez de registros sobre espaços educativos que consigam construir diariamente um trabalho educacional de maneira diferenciada. Enxergo esse ensaio não só como um registro, um diálogo reflexivo, um trabalho de final de curso, mas também como uma maneira de declarar o meu amor a esse lugar, manifestar o carinho ao e pelo que vivi nele, o respeito a tudo que com ele (que só existe com crianças e adultos) aprendi.

Mesmo vivendo maravilhosas experiências, ficaram muitas questões no caminho, principalmente relacionadas à história da Associação Vivendo e Aprendendo, como, por exemplo: onde e como está escrita a história da Vivendo e Aprendendo? ; e sobre as práticas pedagógicas: como elas foram criadas? Por que são tão diferentes?

Talvez as perguntas não tenham respostas, mas as reflexões que pretendo construir serão inspiradas nessas interrogações, com base no que eu vivi como Educadora e simultaneamente como estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Dessa maneira, tenho como objetivo, além de construir um diálogo com essas experiências, levantar pontos, questões, temas, para novas discussões sobre experiências como essa.

Na Universidade e na vida educativa, de maneira geral, são muitos os exemplos de como não ser. Em muitos momentos, durante esse caminho que percorri (e ainda estou caminhando) nos últimos 7 semestres, percebi-me algumas vezes sozinha e outras em um coletivo, situações em que a vontade de fazer diferente é vista como a única opção. Porém, esse *fazer diferente* é um *construir diferente*, *um repensar*, para que não se sigam as mesmas trajetórias e discursos que têm sido impostos há tanto tempo. Não se trata de uma única ação, mas de um processo que só se torna possível a partir do momento em que o incômodo e/ou a insatisfação motiva uma sequência de ações que possibilitam um novo caminho a seguir pela educação. Por exemplo, quando participei de

grupos de discussões de pais e educadores(as), para pensar coletivamente a melhor opção para as crianças que terminavam o ciclo da Vivendo, e nos questionávamos se ir para uma escola tradicional era a única saída e como essa adaptação seria. Por que não construir novos espaços com práticas inovadoras?

Durante o curso de Pedagogia na Universidade percebi uma preguiça em muitos professores e em muitos alunos. Foram/são poucos os que querem ir além desse manual estereotipado e cômodo de educação que nos é apresentado como principal opção. São poucos os professores que encontrei que estimularam ou deram oportunidade para uma reflexão sobre a possibilidade de fazer diferente e foram esses que fizeram diferença em minha formação.

Esse processo de escolha por uma prática e por um pensamento inovador, pelo que observei nas minhas experiências, é intensamente vivido, mas nem sempre compartilhado, perdendo-se sua história, sua memória, seus atores. Torna-se assim uma experiência isolada, não que isso o desvalorize, mas quando surge um novo movimento para a mudança, tem-se a sensação de que é preciso construir tudo pela primeira vez e de maneira solitária. Percebo que é necessário haver registro, troca e comunicação, sendo esse o motivo de existência deste ensaio: uma possibilidade para comunicação, construção e reflexão acerca de uma experiência de educação inovadora.

A escolha de fazer esse trabalho em formato de ensaio é porque há mais liberdade para os diálogos que desejo construir a partir das experiências por mim vividas, com as reflexões que surgiram como consequência. Sem uma rigorosa necessidade de embasamentos teóricos (SEVERINO,1986 apud SILVEIRA, 1991), a teoria aparecerá como suporte para as discussões a serem feitas. Ao concluir esse trabalho, tenho a pretensão de acrescentar argumentos para debate e discussão sobre as possibilidades de práticas pedagógicas diferenciadas e a favor desse espaço educativo que é a Associação Vivendo e Aprendendo.

Desejo que esse trabalho seja uma viagem a um olhar, a uma experiência de uma Educadora em uma Associação onde foram se construindo concepções e práticas que levaram a importantes e significativas reflexões sobre a educação.

HISTÓRIA E MEMÓRIA COLETIVA: ENTRE O DOCUMENTO, A ORALIDADE E O REGISTRO AUDIOVISUAL

O interesse pela história da Vivendo e Aprendendo cresceu em mim quando em 2010, no segundo semestre, fomos abordados pela agência de fiscalização do DF (AgFisDF), com um auto que fecharia a Associação por falta de documentação que regulamentasse o espaço físico da Vivendo e Aprendendo, pois o terreno que ela e o Clube Vizinhança ocupavam, pela NOVACAP, não pode ser dividido.

No mesmo dia iniciou-se um grande e emocionante processo, que, apesar de muito trabalhoso, contou com a mobilização de toda a Associação. Eram várias as decisões e atitudes que precisavam ser tomadas, fazia-se necessário procurar apoio, buscar informações legais, encontrar e construir documentos que legitimassem a Associação e, principalmente, seu espaço dentro da comunidade durante os últimos 28 anos. Era necessário reunir a maior e a melhor quantidade de argumentos e documentos a favor na nossa Associação, e o fato de não estarmos legalmente reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC), era negativo. Iniciou-se na Associação um processo de reflexão sobre o que a regulamentação representava para a Associação Vivendo e Aprendendo e o que seria necessário para isso.

A primeira decisão tomada foi que não iríamos deixar de ser o que éramos ou não reconhecer e respeitar tudo o que já fora construído, mas que era necessário preocupar-se com alguns documentos, como Projeto Político Pedagógico (PPP), pois eles nos auxiliariam nessa luta e no processo de regulamentação com o MEC. Outro passo tomado foi a criação de uma campanha pela Associação Vivendo e Aprendendo como *Patrimônio Imaterial de Brasília*. Dessa maneira poderíamos nos legitimar em termos legais e preservar tudo aquilo que faz parte da Associação, reconhecendo a Vivendo em uma dimensão além do seu papel educacional, mas também social.

O encanto desse processo, para mim, foi perceber como a Vivendo e Aprendendo ocupa um espaço significativo na vida das pessoas que por ela passam. Apesar das dificuldades de encontrarmos documentos “oficiais” (reconhecidos pelo MEC e por outras entidades oficiais) sobre a proposta pedagógica e o projeto político pedagógico, tornou-se claro que todos os itens que cabiam a esses documentos já existiam. Os itens tratados nesses documentos já estavam escritos de diversas maneiras e formatos, mas, principalmente, estavam inscritos naqueles que por ali tinham passado, vivido e construído a Associação Vivendo e Aprendendo e deixado que ela fizesse parte do livro da vida de cada um. Dessa maneira, foi necessário acessar memórias individuais que integravam uma memória coletiva para (re)construirmos a história da Associação Vivendo e Aprendendo.

Para sistematizar todos esses dados, organizar e executar as demais tarefas que eram

necessária para o desenvolvimento desse processo de luta, foram formadas comissões que se responsabilizaram por temas tinham que ser trabalhados para que a Vivendo não fechasse. Um exemplo é a comissão do Projeto Político Pedagógico (PPP), que pesquisou informações e dados que são pertinentes a esse documento e sistematizou um breve PPP para ser apresentando ao Juiz. Hoje essa comissão se tornou um Grupo de Trabalho, do qual também faço parte, e continua com o trabalho de pesquisa e sistematização para a construção completa do Projeto Político Pedagógico da Vivendo e Aprendendo. Todo o trabalhou da referida Comissão se baseia nas memórias e escritos sobre a Vivendo.

Para falar sobre memória recorro a conceitos e elementos do livro *Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)* (PEREIRA, et. al., 2011), onde há um capítulo dedicado à metodologia de pesquisa utilizada na construção do livro, e assim, foram abordados os conceitos de memória e memória coletiva. Esse livro de maneira geral muito me inspirou para as reflexões que quero construir neste ensaio, pois aborda a história inicial da educação em Brasília, que foi projetada por Anísio Teixeira para ser uma educação diferente, integral e integradora.

Para a construção das escolas nesse Plano de Educação em Brasília foram necessários muitos sonhos, lutas, trabalho, esperança por parte dos educadores pioneiros. Eu, particularmente, acredito que esses sentimentos ainda vivem em algum lugar inscrito nas pessoas. E a emoção de que a realidade da educação ainda pode ser transformada, foi fortalecida no encontro realizado para o lançamento do livro, no auditório do Beijódromo (Memorial Darcy Ribeiro) da Universidade de Brasília no dia 16 de maio deste ano, onde pioneiros, atuais e futuros educadores se encontraram para celebrar essa utopia que ainda vive e ainda move.

Para falar da “utópica” Vivendo e Aprendendo (V&A) busquei informações além das que já tinha colhido ao longo do tempo que vivi naquele espaço. Vejo a V&A como um espaço onde as informações sobre sua história estão também nas paredes, nas práticas, nas pessoas que estão lá há mais de 19 anos, nas pessoas que só passaram por lá durante um breve período também. Essa história está relacionada com a memória das pessoas que a viveram.

Para a construção da memória da Vivendo e Aprendendo nesse ensaio considero a abordagem histórico-cultural que tomou força entre os anos de 1920 e 1930, quando a memória era relacionada, diretamente, a um contexto biológico, mecânico, individual, considerando-se que o processo de recordação se dava na medida em que as informações vividas e guardadas eram lançadas à consciência. Autores da nova perspectiva, como Vigotsky e Halbwachs, passaram a atribuir à memória um caráter sócio-histórico. Dessa maneira, o processo de recordação passa a ser considerado como parte da dinâmica social em que os indivíduos estão inseridos, o que torna a lembrança um elemento do coletivo: o sujeito deixa de ter a sua memória num plano meramente individual e passa construir a memória coletiva a partir de suas relações sociais. Para RODRIGUES,

et. al. (2011, p. 301):

A memória se caracteriza como trabalho, como afirma Halbwachs, é reconstrução alterada do passado em concordância com os valores e referencias culturais do grupo social circundante e envolvido no processo de recordação do sujeito.

A memória coletiva é um processo de relembrar, de re-significar o que foi vivido individual ou coletivamente. Assim, neste trabalho recorro a materiais que foram construídos em grupos com colaborações de pessoas com diferentes, experiências e conhecimentos, sobre a Vivendo e Aprendendo e assuntos relacionados a ela.

As pistas documentais que analisei para inspirar e embasar as minhas reflexões foram quatro:

- As duas revistas “Escrevendo e Aprendendo” - ano 1, número 1 de Dezembro de 1998, ano em que a Associação Vivendo e Aprendendo completava 16 anos; e a número 2, de Outubro de 2004, ano que a escola completava 22 anos.
- O vídeo feito no segundo semestre de 2010 com ex-pais, ex-alunos, ex-professores em um café da manhã para colher depoimentos com a intenção de construir mais um documento que legitimasse a V&A para a comunidade a favor da campanha da Vivendo e Aprendendo como Patrimônio Imaterial, lançada a partir do momento que houve a tentativa de fechar o espaço.
- Por último, uma gravação feita no ano de 2007 pela educadora Joana Goes, da Associação. O material foi gravado durante uma conversa com alguns ex-alunos que haviam saído da V&A a mais ou menos sete anos, com o objetivo de escutar suas lembranças e recordações do que tinham vivido nesse espaço. A entrevista foi realizada como parte da pesquisa realizada pela educadora para o trabalho de conclusão do curso de Pedagogia na UnB. Seu tema de pesquisa era Liberdade na Educação.

A primeira revista “Escrevendo e Aprendendo” conta um pouco sobre a história da Vivendo e Aprendendo durante seus primeiros 16 anos. Ela nos remete a uma viagem pelos seus princípios norteadores, sobre seus ideais, o que foi vivido até aquele ano. A revista foi construída como um processo de recuperação da memória da Associação, por meio de artigos escritos, por pessoas que estiveram na Vivendo durante todos aqueles anos.

No primeiro artigo da revista deparo com os princípios filosóficos da Associação. Já havia lido essa revista algumas vezes, mas nunca havia feito tanto sentido para mim como desta vez; são princípios que têm em sua base e em seu olhar as lentes da transformação.

Esse material também se preocupa com a questão de que quando a Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo foi idealizada e “oficializada” ela contava com duas faces: uma delas era a responsável pela Pré-Escola (hoje chamada de Educação Infantil) e outra era o Centro de Convivência, que tinha com objetivo a formações de grupo de convivências, para que houvesse uma integração entre a associação e a comunidade. Nesse momento me pergunto onde ficou o Centro de Convivência na história da V&A? Ele existiu? Por que não existe mais?

Com as investigações para esse ensaio não encontrei informações suficientes para esclarecer essas questões, porém pude perceber que por mais que hoje não haja uma distinção clara entre essas duas faces, a Vivendo possui espaços em que as crianças que já saíram ou não têm mais idade para estudar possam conviver e experimentar a Vivendo. Nos anos que tive na Associação presenciei os projetos de cineclube e de aula de circo. Há também os eventos tradicionais que ocorrem durante o ano, e que fazem parte do calendário escolar, aos quais a comunidade é sempre bem vinda, como o chá de livros, mutirão do parque, festa juninos. Para os maiores de dezoito anos tem a conhecida festa dos adultos, que é toda organizada e produzida pela associação. Pela minha experiência tão bom como ir para a festa são os cansativos dias de preparação, com a contribuição de todos que se relacionam com a Vivendo.

A segunda revista traz outros olhares sobre a história, sobre o que é a V&A e um pouco sobre as mudanças que ocorrem nos seis anos que decorrem da primeira revista para a segunda. Mas também aborda as origens da Associação, o que foi vivido por um grupo de pais insatisfeitos com a escola tradicional e que sonhavam com uma escola mais livre e transformadora. Percebe-se nesse documento que foi a partir do sonho de um grupo de Mães e Pais por uma educação livre, autônoma e coletiva, no sentido em que a família tem voz, ouvidos e mãos para construí-la junto com os educadores e crianças, que surgiu a Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo.

Em uma manhã de sábado de 2010 foi realizado um vídeo que, para a sua organização, reuniu mães, pais, alunas, alunos, professoras, coordenadoras, associadas, associados. O tempo não distinguia o papel de ninguém, não importava se já havia saído da Vivendo há mais de dez, ou que a filha já se casou com outro “vivendinho”, ou que as crianças que foram alunas já estão mais altos que seus antigos professores. O motivo para o café da manhã foi dar voz às memórias das várias gerações da Vivendo, pois naquele momento existia uma comissão que estava responsável pela produção dos documentos para a luta contra o fechamento da V&A e a favor da campanha, *Associação Vivendo e Aprendendo - Patrimônio Imaterial de Brasília*.

Era um grupo com mais ou menos 30 pessoas que estavam lá para registrar e deixar claro, para quem quisesse saber, como a Vivendo é importante para elas, como é que foi construída a Associação e, principalmente, o por quê ela não devia ser fechada. Todos os depoimentos geraram um material de vídeo emocionante, verdadeiro, singular e legítimo. Parte desse material gravado foi

incorporado ao vídeo editado, intitulado *Vivendo, Patrimônio Imaterial*, com a duração de sete minutos e ciquenta e sete segundos. Nele há falas das crianças, de ex-alunos, associados e ex-associados que argumentam a favor da Vivendo e Aprendendo. O vídeo foi apresentado durante Audiência Pública da Câmara Legislativa de Distrito Federal, que ocorreu no dia 31 de Agosto de 2010. (Panfleto de divulgação Anexo 1)

O quarto material que utilizei para esse trabalho é a gravação de áudio de uma roda de conversa com ex-alunos da Vivendo, com idade entre 13 e 15 anos, facilitado pela educadora da Associação Joana Goes. Nessa conversa os adolescentes contam sobre suas lembranças nos anos em que estudaram na Vivendo e Aprendendo, as brincadeiras, os educadores, o que gostavam e não gostavam e quais foram as marcas que essa “escola” deixou em cada uma delas. Por meio das falas das crianças pude perceber vários reflexos das práticas pedagógicas adotadas que iremos refletir nas próximas páginas. A gravação tem a duração de quarenta e um minutos e dezoito segundos, e o material foi integralmente transscrito (Anexo 2).

POR QUÊ UMA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E EDUCADORES?

Para falar do *por que* também é preciso refletir sobre o *como*. Como a surgiu a Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo?

Segundo as informações que existem nos artigos das duas revistas, em destaque no artigo de Rosa Maria Ramponi Serrão, Revivendo e Compreendendo (2004) da segunda revista, esse *por que* surgiu a partir de um coletivo que se encontrou por meio da Associação de Pais e Mestres de uma escola pública durante os anos de 1980, pais e mães que estavam ali com o desejo de fazer parte da construção da educação e com o sonho de uma educação diferente, onde não só o conhecimento fosse valorizado, mas houvesse espaço para a criança ser criança, se desenvolver em todas as áreas, emocional, crítica, interpessoal, social, cognitiva.

A preocupação com o desenvolvimento do SER humano tinha a oportunidade de começar a existir com a construção coletiva. Esse grupo pensava em propostas que poderiam, de maneira inovadora, acrescentar e colaborar com as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola. Porém, a mobilização por parte das famílias foi considerada pela escola, professores e administradores, invasiva. E assim, restou a esse grupo de pais o não tão bom e velho lugar de passividade perante a escola, onde a participação é bem vinda somente quando solicitada.

Mas não foi essa parede imposta que parou essas famílias, que tinham certeza que o melhor para suas crianças não estava em uma escola da qual não poderiam participar ativamente.

O grupo continuou e aumentou. Deu-se início a articulações e à construção de um ambiente educativo com tijolos inovadores, para que o resultado fosse um lugar onde pais, mães, educadores, educadoras, teriam seu espaço de participação garantido e no qual as crianças desenvolvessem o pensamento crítico, a criatividade, o prazer em aprender e o gosto pelo conhecimento a partir da liberdade, do trabalho coletivo, do dialogo entre adultos e crianças; que as escolhas dos conteúdos e temas trabalhados partissem dos interesses das crianças e o processo pedagógico, o processo de construção do conhecimento e não o conhecimento “pronto” tivesse grande valor nas práticas pedagógicas, pois assim o espaço para se trabalhar o respeito, limite, a honestidade, os valores humanos tivesse garantido nas experiências vividas nas práticas pedagógicas.

Com todos esses desejos e sonhos percebo que a Associação surgiu porque pais e mães se perceberam como também protagonista da educação escolar de seus filhos e filhas, enxergaram que a escola, a família, as crianças, são elementos fundamentais para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento das crianças como seres humanos plenos. Nessa caminhada não há espaço para papéis passivos ou solitários.

Depois de encontrar uma possível resposta para a pergunta do início deste tópico, POR QUE UMA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E EDUCADORES? Surgiram outras questões em mim que me

levaram a refletir sobre uma possível sincronia. As perguntas que mais me intrigaram foram: será que essa preocupação deve ser restrita apenas a uma parcela da sociedade? E o direito de todas as crianças serem seres humanos plenos e felizes não é possível tornar-se realidade? De onde veio a “inspiração” para uma educação diferente?

Todas essas questões foram iluminadas nas conversas de orientação desse TCC e no lançamento do livro *Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)* (PEREIRA, et. al., 2011), quando foi citado o plano educacional de Brasília elaborado por Anísio Teixeira, homem que “propugnava a emancipação da nação e do homem brasileiro como meio de superar o subdesenvolvimento.” (PEREIRA; ROCHA, 2011).

No Plano De Construções Escolares De Brasília, Anísio Teixeira se apropriou do propósito da construção da nova capital nos anos de 1950 e propôs escolas que seriam exemplo para a nação. Seria um conjunto de escolas que atenderiam desde a educação infantil até o ensino superior, representado pela Universidade de Brasília. Os espaços educacionais não seriam formados apenas por prédios com sala de aulas tradicionais, mas se estenderiam a prédios para a convivência, o esporte, a cultura, os estudos. Assim seria garantido o espaço/tempo para desenvolver o que ele chamou de “necessidade de vida e convívio social” (TEIXEIRA, 1961).

Para isso foi necessário pensar em um sistema de *educação integral* em dois aspectos: da formação da criança como um todo, aliando o ensino tradicional com outras atividades onde pudessem desenvolver também os aspectos culturais e sociais; e o aspecto da questão do tempo, pois existiram atividades nos dois turnos, ou seja, em tempo integral. Para concretizar esse ideal Anísio Teixeira (1961) planeja que:

No centro de educação elementar, a criança, além das quatro horas de educação convencional, no edifício da "escola-classe", onde aprende a "estudar", conta com outras quatro horas de atividades de trabalho, de educação física e de educação social, atividades em que se empenha individualmente ou em grupo, aprendendo, portanto, a trabalhar e a conviver.

A proposta de ter construções, educadores e um currículo que garantissem a formação integral das crianças em um Plano Educacional para a nova Capital, apresenta à nação uma nova concepção de educação e um novo olhar sobre processo de construção do conhecimento que deveriam integrar o sistema educacional.

O Plano de Anísio que começara a ser construído e praticado sofreu consequências com a ditadura, sendo abandonado, e os antigos hábitos escolares retomados. Talvez os ideais dessa utopia, que quase se concretizou, tenham ficado fixados pelos ares dessa cidade, permitindo que o sonho de uma educação integral para seres humanos, onde todos sejam protagonistas, não se perdesse, nem fosse esquecido.

Como herança dessa grande utopia, desse tempo de sonhos, podemos compreender que a

Vivendo tenha se formado, também, como uma demonstração de resistência ao que foi imposto e de esperança por novos tempos que estavam por vir.

A Vivendo e Aprendendo é Recriada Diariamente Desde 1982 - essa frase está na placa que recebe todo(as) os que chegam à Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo nos dias de hoje. Essas palavras dizem um pouco sobre o que é viver em associação, em um espaço pró-educação que se organiza de maneira horizontal e democrática.

Por meio de cada família que chega, cada educador(a), cada coordenador(a), cada colaborador(a) que se tornam associados e assim, deixam marcas, a Vivendo se recria. E cada pessoa que por ali passa se torna um elemento fundamental para a construção autônoma desse espaço, pois é com a participação e com as características de cada um(a) que a identidade da Associação é construída.

Talvez a participação das famílias, quer dizer, fazer com que as famílias se enxerguem responsáveis e pertencentes a todo esse processo de construção do lugar e da educação da Vivendo e Aprendendo, seja um dos principais desafios que acompanham a Vivendo. Há famílias que chegam com a disposição e o anseio por uma educação diferente, mas ainda não a viveram para descobrir que são parte fundamental do processo educacional dos seus filhos e filhas. Viver o associativismo vai além da educação, perpassa pela formação do cidadão crítico e pelo aprender a construir e viver coletivamente.

A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO EDUCATIVO ONDE “AS CRIANÇAS BRINCAM E OS PAIS APRENDEM”... OU VICE-VERSA?

Quando cheguei na Vivendo e Aprendendo, ouvi: “Aqui é uma Associação Pró-Educação onde as crianças brincam e os pais aprendem”. Essa frase ficou durante algum tempo sem muito sentido para mim. Como assim, uma “escola” onde as crianças brincam e os pais aprendem? E as crianças, não aprendem? E se os pais quiserem que só os(as) filhos(as) aprendam? O que acontece?

Conforme o folder informativo que constitui o “kit matrícula” (2010), a Associação é gerida de forma participativa. É a Assembléia Geral, instância em que é reunida toda a Associação, para discutir os assuntos que necessitam do parecer de todo(as) e na qual são votados os nomes entre pais, mães e educadores(as) que irão compor durante um ano a **Diretoria**, que é instância responsável por gerir, responder oficialmente pela Associação, auxiliar na administração e colaborar com as demais instâncias. O **Conselho Fiscal** é instância que trabalha conjuntamente com a Diretoria e é responsável por fiscalizar e auxiliar os trâmites financeiros da Associação. O **Conselho Pedagógico** é responsável por acompanhar e zelar os assuntos referentes à parte pedagógica, dando apoio à coordenação e à equipe pedagógica. O **FAAP** é o Fórum de Aprovação, Avaliação e Progressão, a instância responsável pela contratação e avaliado do quadro de professores e colaboradores. Foi nessa vivência da gestão democrática que comecei a entender o significado da expressão “e os pais aprendem”.

Acredito que, quando um grupo de pais e mães se reúne para conversar e articular quem serão os gestores e como será a gestão, esse coletivo aprende muito sobre educação, construção colaborativa em grupo, pensamento crítico e tantas outras “lições” que podem ser tiradas dessa experiência. Aprendem ou re-aprendem a dialogar, a defender seu ponto de vista, a construir junto, a pensar em prol do coletivo, práticas que muitas vezes ficam perdidas pela correria e competitividade que, frequentemente, tomam conta das rotinas. Conviver em grupo não é uma tarefa tão fácil, não é só construção: é também desconstrução, é sair do automático, muitas vezes sair daquela posição cômoda que é tomada, e se dispor a cooperar, a compreender. Não é fácil.

Para que haja cooperação, é necessário um coletivo disposto a construir e desconstruir junto. Os processos de ir e vir, fazer e desfazer, concordar e discordar, a permanente rotatividade, são movimentos que estão no dia a dia dos associados, das crianças, esse ar de constante transmutação é parte da organização horizontal e da gestão democrática. A cada ano assume um novo grupo gestor e, em média, a cada quatro anos se refaz o grupo de crianças que crescem na Vivendo.

O tempo da Vivendo é diferente. Não importa quanto tempo se passa dentro dela, não importa o tempo que se participe dessa ou daquela instância, o que realmente vai fazer diferença é o quanto as experiências valeram a pena, não só para cada pessoa individualmente, mas para

associação como um todo, pois mesmo quando o que foi planejado não se concretiza do jeito que foi planejado, algum ponto positivo fica. Muitas vezes não se descobre de imediato o que fazer ou qual caminho seguir, mas o fato de se pensar, refletir e discutir em vários coletivos articulados entre si já é a primeira pedra para o caminho “certo”.

O olhar sobre as crianças que é construído na Vivendo, sem dúvidas, incentiva a todos e todas a acreditarem em lugares onde as crianças possam ser crianças e se desenvolverem sem pular etapas, vivendo dia a dia cada desafio, cada descoberta, cada centímetro crescido. A Vivendo acredita que o fundamental para as crianças é o brincar, maneira melhor e mais apropriada de construir o conhecimento e passar por cada ciclo e cada fase da infância. É fácil confirmar essa idéia sobre o brincar ao ler um trecho da conversa com os ex-alunos gravada pela educadora Joana Goes:

Joana: Agora eu quero saber o que vocês achavam aqui da Vivendo e Aprendendo quando vocês estudavam.

Criança: O paraíso.

Joana: O paraíso?

Criança: Minha mãe falava que eu queria, assim, eu não gostava de ir para outro lugar de jeito nenhum, eu chorava.

Crianças: Ela contava que eu ficava enfurecida quando eu tinha que faltar porque eu estava doente.

Joana: Então vocês gostavam muito?

Criança: Era uma aventura todo dia.

(...)

Joana: Mas tinha alguma coisa que vocês não gostavam daqui?

Criança: Eu não lembro.

Criança: Não.

As crianças BRINCAM na Vivendo, viajam, são cientistas, cozinheiras, são pais, mães, professoras, elas podem ser o que quiserem. A brincadeira tem uma relação com uma recordação do real, por exemplo, quando a criança observa a mãe, diariamente, amamentando o seu irmão mais novo, ao chegar à escola, brinca de mãe e filha com as bonecas e na hora de alimentá-las, repete a mesma ação da mãe que presenciou em casa. Quer dizer, a brincadeira não é apenas uma questão de imaginação, ela tem uma ligação com a memória e se faz essencial na idade pré-escolar por possibilitar a experimentação. O brincar permite que a criança satisfaça o seu desejo e/ou impulso de viver o que lhe é impossível ou desconhecido. Brincar é uma atividade que permite experimentar e vivenciar sentimentos, os bons e ruins, os papéis sociais e tantos outros elementos desse novo e desconhecido mundo e assim criar seus próprios significados. (VIGOTSKY, 2008a)

E é com os assuntos que muitas vezes brotam de uma brincadeira, por exemplo, quando vai para a sala de aula o leão, a gata, a passarinha ao invés do Carlos, da Sonia, da Letícia... por que não nesse momento não estudar os bichos? O que eles comem? O quanto cada um come? Onde eles vivem? Podem aparecer temas de alguma situação desconfortável, por exemplo, quando alguma criança da turma vai se mudar de cidade, e o clima de despedida gera várias dúvidas: como, é longe para onde ela vai? Tem que ir de avião? É no Brasil? Todas as dúvidas podem gerar uma longa

viagem sobre novos conhecimentos, matemática, português, geografia e, ao piscar dos olhos sensíveis, todas as áreas de conhecimento aparecem fora das cartilhas.

SOBRE OS PRINCÍPIOS, A ROTINAS E OS DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS.

Bem, não é SÓ ao simples piscar dos olhos que se enxerga a ligação entre os desejos das crianças e os temas possíveis de serem trabalhados. Como afirmei no texto acima, esse piscar tem de ser de um olho sensível. É preciso um olhar que anseia o prazer em aprender, que enxergue o processo de aprendizagem como uma possibilidade de transformação, não só para os indivíduos diretamente relacionados a esse processo, mas também para realidade de que eles fazem parte.

A transformação é a base dos princípios filosóficos que dão norte a Associação. Por crer que o a realidade do mundo se transforma constantemente, a Vivendo fundamenta-se nos seguintes princípios:

- “Essa realidade que se transforma não é algo exterior ao homem, mas surge na interação do ser humano como seu meio, definindo-se, portanto, pela soma total das nossas experiências;”
- “Essa realidade só se tornará significativa na medida em que o ser humano for capaz de nela imprimir o seu próprio significado;”
- “O ser humano deve afirmar sua liberdade total, porque só assim, ele será capaz de construir-se a si mesmo, tornando-se plenamente responsável pelos seus atos.” (Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, 1998, p.7)

A partir dos princípios filosóficos podemos perceber qual é a base nos olhares que existem sobre as crianças. Acredita-se que a criança é capaz, por meio do seu desenvolvimento, de construir um significado próprio para a sua história, isso quer dizer, ela é capaz de construir sua própria identidade. É por meio da liberdade que ela conseguirá se tornar um ser humano crítico, consciente de si e de seus atos. E é com essas lentes que as práticas pedagógicas na Vivendo são construídas.

Sendo assim, a partir dos princípios filosóficos e da minha experiência percebo que a educação deve ser dinâmica, em movimentos diversificados, de maneira horizontal. Na rotina que existe na Vivendo esses três pontos são levados em consideração. Ela é dinâmica, pois tem um ritmo; dentro desse ritmo há diferentes momentos, dentro e fora de sala; entre os momentos não há uma ordem de relevância, todos são importantes, e em todos há possibilidade da participação do coletivo, no planejamento, na construção e/ou na prática.

A criança, quando chega a primeira vez na Vivendo, com a idade entre dois e três anos, ainda está muito ligada aos hábitos familiares e a maior parte de suas ações está relacionada ao seu desejo. É a escola o seu primeiro contato com vida institucionalizada, e esse espaço traz muitas novidades desafiadoras: são novas regras, novos adultos, outras crianças, uma estrutura física diferente. Lidar com tudo isso pela primeira vez é um grande desafio. Todos esses fatores se tornam a muito importantes para a adaptação no novo ambiente e a compreensão da ordem dos acontecimentos a partir do que é vivido diariamente para proporcionar segurança para a criança.

Assim, ela “conhece o espaço da escola seu limite físico e social e suas regras de relacionamento. A rotina é demarcação da vivência.” (PULINO, 1998, p.38).

A rotina é dividida em sete momentos: roda inicial, primeira atividade, Parque, Lanche, Fora, Segunda atividade, Roda de história. Em 2010 fui uma das educadoras do ciclo dois. Era um grupo de dezesseis crianças, quinze tinham feito o ciclo um na Vivendo e para uma criança era seu primeiro ano, logo, a maioria das crianças da turma já conhecia e tinha vivido a rotina da escola. Minha parceira e eu percebemos que relembrar e resignificar a rotina seria importante para a readaptação do grupo e para a adaptação da criança que chegava. Para refletir um pouco mais sobre a rotina uso trechos do relatório individual que escrevi para a família da criança novata;

Roda inicial – momento que recepcionamos as crianças, os ingredientes em dia de culinária, contamos sobre as novidades na segunda feira, conversamos sobre o que irá acontecer durante aquele dia. Durante esse momento trabalhamos a linguagem oral, quando socializamos o que trouxemos ou como na rodas com fantoches, criamos histórias.

Primeira atividade – fazemos a primeira atividade dirigida, uma pintura, desenho, individual ou coletivo, na mesa ou do lado de fora de sala e na terça-feira preparamos a nossa culinária.

Letícia demonstra gostar muito das atividades de expressão artística. Estas favorecem o desenvolvimento da coordenação motora fina. Letícia, nos desenhos com giz, lápis ou tinta com pincel ocupa toda a folha, explora as cores. Observamos que em alguns desenhos possui objetivo ao desenhar, o que demonstra elaboração do seu processo criativo e faz com que suas garatujas tenham certo significado que não só o de exploração dos materiais e espaço. Observamos isso quando ela dá nome aos seus desenhos esses acontecimentos são parte do processo de desenvolvimento criativo e do desenho infantil. Segundo¹ Lowenfeld o nome dado a esse momento em que a criança descobre a relação do gesto-traço. Passa a olhar para o que faz começa a controlar o tamanho a forma e localização do desenho no papel, começa a fechar as formas em círculos e espiraladas. Define a forma de pegar no lápis (trecho retirado do artigo A CRIANÇA E O DESENHO INFATIL de Novaes, E. e Neves, L.). É chamada de Garatuja ordenada.

Hora do Parque – É quando vamos para o ambiente onde tem a caixa de areia com brinquedos, árvores e muito espaço para descobrir e redescobrir. Ficamos uma hora junto com as outras crianças da Vivendo e Aprendendo, momento muito importante de interação, com as crianças e educadores de outros ciclos. Um momento livre. Letícia no parque procura as outras

¹ LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte.* 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977, apud. NOVAES, E. R.; NEVES, L. H. R. *A criança e o desenho infantil.* Artigo disponível em: <http://estudandoarteeducacao.blogspot.com/2009/01/crianca-e-o-desenho-infantil.html> acessado em 11 de julho de 2011

crianças para brincar, principalmente se essas estão fazendo bolos de areia..

Lanche e Higienização - voltamos para a sala amarela para lavarmos as mãos e lanchar, Letícia adora comer e oferecer suas frutas, experimentar os lanches dos outros amigos sempre percebo Letícia descontraída e contente no lanche, ajuda os seus colegas abrirem, guardarem o lanche, conversa e brinca com todos. Após guardar o lanche pega sua escova de dentes e vai ao banheiro fazer sua higienização, sempre com muita autonomia.

Hora do Fora – é o segundo momento fora de sala. Planejamos atividades dirigidas, normalmente atividades corporais, jogos de regras, como pique pega e corre cotia. Tem dias em que fazemos o circuito: montamos um trajeto cheio de obstáculos para que as crianças pulem, escalem e se equilibrem, com objetivo de desenvolver a coordenação motora global. Letícia executa os circuitos superando os obstáculos com concentração e empenho e quando necessário pede o auxílio de nós, educadoras. Pelo menos uma vez por semana separamos um Fora para as brincadeiras de faz de conta, que são um momento onde a imaginação e criatividade rolam soltas, pois acreditamos que a melhor maneira de dar significado ao que acontece com as crianças é por meio da brincadeira: o faz de conta faz com que a criança consiga trazer para o concreto o que ela imagina, construindo significados e “respostas próprias” para o que acontece, já que por vários motivos as explicações que nós adultos temos dar para certos eventos ou acontecimentos do dia a dia não são suficientes para que a criança consiga construir seu significado para o que acontece.

Segunda atividade - outro momento dirigido normalmente em sala, com as mesmas características do momento da primeira atividade.

Roda de História – após a segunda atividade temos a tão esperada roda de história, sentamos no tatame, ouvimos histórias contadas pelas educadoras, pelas crianças ou pelas mães e pais da sala amarela. Letícia mostra gostar muito desse momento, antes da contação escolhe um livro e senta para ler no tatame, quando há algum amigo e/ou amiga por perto conta a história usando os mesmo trejeitos que nós, educadores, temos na hora de contar história, o que faz com que as outras crianças prestem atenção e fiquem atentas até o fim da história.

Antes de falar o Por quê da maneira desse relatório, vem a pergunta O que é um relatório individual? Existem dois tipos de relatórios, o individual e o geral; o primeiro trata do desenvolvimento de cada criança, e leva para a família de uma maneira sistematizada, um pouco de quem é daquela criança no dia a dia, como ela se relaciona com os seus amigos, o que gosta ou não gosta; o segundo trata do desenvolvimento grupo, dos projetos desenvolvidos, conta para as famílias um pouco da identidade da turma. Ambos são escritos bimestralmente.

Os relatórios possibilitam outro tipo de diálogo entre educadores e famílias. O educador tem a liberdade de se expressar da maneira que comprehende ser a melhor para registrar seu olhar sobre a

criança e o grupo, refletindo sobre o desenvolvimento. No exemplo que apresentei, a escolha por tal estrutura teve o objetivo de apresentar para a família como foi o nosso projeto, o olhar de nós, educadoras, sobre a criança e seu desenvolvimento e de também envolver a família no que vivemos - aproximar a nova família da rotina. Os relatórios fortalecem o elo entre casa e escola.

Acredito que um ponto marcante no olhar da Vivendo sobre as crianças e no como se constrói a prática educativa é o trabalho com **Projetos**.

Os projetos na Vivendo são criados e planejados de acordo com os interesses das crianças. O educador para trabalhar com essa metodologia tem que ser flexível, atento e muito disposto para que consiga capturar as ideias que as crianças estão “jogando” para transformá-las em oportunidades de construção de conhecimento, para isso também é preciso criatividade e saber que o dia a dia com as crianças podem gerar grandes aprendizados.

A construção do conhecimento por meio dos projetos proporciona um número maior de possibilidades para se construir o conhecimento, desenvolvendo a autonomia, a capacidade crítica, o respeito à individualidade, à liberdade e à cooperação. Além de que o mesmo tema pode ser trabalhado com todas as faixas etárias, o que possibilita o trabalho com o mesmo tema em diferentes ciclos.

Na minha experiência como educadora, um projeto que muito me marcou foi o que construí no primeiro semestre de 2009 com o ciclo 4. Foi um projeto sobre monocromia (o preto e o branco), no qual trabalhamos por meio da linguagem plástica questões como a autoria da criança, o desenvolvimento da coordenação motora fina com os desafios gráficos e a criação a partir de diferentes materiais. Pelo mundo do preto e branco visitamos a literatura de cordel, a xilogravura, as fotos, os filmes e várias técnicas de artes plásticas. E ao concluir as descobertas do mundo a preto e branco, as crianças, com o nosso apoio, construíram uma exposição de artes que levou o seguinte nome: “O preto no branco e o branco no preto”. O que aprendi nessa viagem ao mundo da monocromia, até hoje não consigo mensurar.

Um fator que muito otimiza o trabalho com projetos é o fato de existirem na Vivendo educadores de diversas áreas: há professores, antropólogos, psicólogos, biólogos, pedagogos, cineastas, e cada um pode agregar com os seus diferentes olhares e conhecimentos.

Também são características marcantes na prática com as crianças na V&A os significados atribuídos à expressão “não gostei” e à palavra “combinado”, tradicionais **dispositivos pedagógicos**.

Na Vivendo acredita-se que a criança deve se tornar capaz de encontrar suas próprias estratégias, soluções e posições nas relações em que ela tem para com o mundo e que isso não seja de maneira competitiva, mas sim cooperativa.

Quando as crianças chegam à Vivendo, como foi dito, são vários os desafios durante o

processo de compreensão sobre esse novo espaço social, mas além dos que já foram citados há mais um elemento desafiador que as crianças têm que conviver e desvendar: as outras crianças! Sim, é um desafio também. Afinal, se relacionar com seus pares não é fácil. Para nós adultos, que temos toda a linguagem desenvolvida, com um “certo” domínio sobre o que sentimos, não é lá uma tarefa muito fácil. E para as crianças que ainda estão se auto-conhecendo, se desenvolvendo, estão desabrochando seus olhares para além de si mesmas e de sua família e reconhecendo o outro que também chora, sente, brinca, grita, não é diferente.

O “**não gostei**” é a expressão que é falada quando alguma criança faz ou fala alguma coisa que deixe a outra incomodada, magoada. No começo, nos primeiros ciclos, a maior parte das situações que o “não gostei” é dito, são orientadas pelos educadores. Ele auxilia a situação como um intermediador e possibilita que as crianças envolvidas se olhem, verbalizem e escutem umas as outras. Aos poucos e com o passar dos ciclos as crianças vão elaborando cada vez mais o seu “não gostei”; a ele vão se agregando os por quês e as possíveis soluções. O “não gostei” permite que a criança se coloque diante da situação, exponha o que está sentindo sem que precise ser agressiva e também cria um elo de confiança com seus pares sobre os seus limites.

Bem, os adultos podem até falar que o “não gostei” é para as crianças. Mas foram vários os momentos que escutei alguns “não gostei” de adulto para adulto. Essa expressão está por toda a Vivendo, mães, pais, equipe de apoio, educadores. Na reunião pedagógica semanal com os educadores tem um momento chamado GNG (gostei e não gostei), é quando cada um pode expressar o que gostou ou não durante a semana, tornando a relação mais transparente. Entre educadores e crianças o “não gostei” também é usado e permite a construção de um diálogo de uma maneira que não fiquem dúvidas sobre os quais são os limites de cada um sem que a afetividade fique deixada de lado, e assim, cria-se um novo tipo de relacionamento entre adultos e crianças, onde não há espaço para o autoritarismo.

E os **combinados**, o que são? São as “regras” da vivendo. O que diferencia os combinados das regras é maneira que são construídos e “praticados” no cotidiano. Regras normalmente são elaboradas por uma parte representante e obedecidas por todos, dessa maneira, as regras ficam sem significado para aqueles que só lhes obedecem. Os combinados são construídos pelas crianças, muitos deles passam a existir a partir da frequência dos “não gostei” para um mesmo acontecimento ou ação, por exemplo: quando ocorrem conflitos e uma criança bate na outra, não precisa que ocorra muitas vezes para que o educador reúna a turma em roda e converse sobre o acontecido, pergunta o que as crianças acham, o que gostaria de fazer para que isso não aconteça e o por que de não acontecer novamente e assim surge o combinado; não pode bater porque dói. Como o “não gostei”, os combinados são utilizados por todos na Vivendo não só com as crianças: há os combinados da reunião pedagógica, os combinados sobre as festas de aniversário, entre tantos outros combinados.

Ter como princípio a transformação, do espaço, da pessoa, para que assim ambos sejam construídos e reconstruídos com consciência e liberdade, são muito mais do que objetivos norteadores, pois vão além do espaço escolar. Torna-se evidente que a Associação como um todo tem um olhar atento sobre os sujeitos que vivem e convivem nesse espaço, para que ali não seja apenas um ambiente de educação escolar, mas sim de educação para a vida, onde a liberdade é elemento fundamental, pois é por meio dela que há possibilidade para uma construção crítica do ser.

Acredito que para falar sobre liberdade e dos aspectos marcantes da Vivendo e Aprendendo, nada melhor do que dar voz às crianças e saber como e o que foi marcante para elas. Para isso, cito, novamente, um trecho da roda de conversa feita pela educadora Joana Goes com os ex-vivendinhos:

JOANA: Bom, eu vou fazer uma última pergunta aqui, porque eu acho que já está bom. Eu queria saber qual é a coisa mais importante que vocês aprenderam aqui na Vivendo e Aprendendo, que vocês acham que vão levar para o resto da vida.

CRIANÇA: Liberdade.

JOANA: A liberdade?

CRIANÇA: Eu acho que eu não aprendi nada aqui não.

JOANA: Ou será que aprendeu? Jura? Não aprendeu nada?

CRIANÇA: Não, sim, aprendi. Eu não lembro de muito daqui, muita coisa.

CRIANÇA: Todo mundo interagia muito. Eu acho legal daqui porque ninguém tem medo de ser o que é ninguém tem esse medo. No colégio, nossa, você faz uma coisa, você: e agora?

CRIANÇA: Todo mundo te vai.

CRIANÇA: E agora, será que eu vou ser vaiada, entendeu? Aqui você fazia meu filho, e você fazia de novo, e de novo, até que cai, opa.

CRIANÇA: Ele botava tinta no corpo e saía correndo. Eu lembro da Cecília, ela adorava cavalo, essas coisas. Ela desenhava cavalo, ela era louca por cavalo, e todo mundo tinha a sua personalidade. Só que todo mundo tinha uma coisa em comum, essa coisa de liberdade de expressão.

CRIANÇA: Sabe igualdade assim. Por exemplo, nas regras, a gente que ia escolher. Por exemplo, não era combinado. Todo mundo se reunia, falava, é o seguinte: o que a gente pode fazer e o que a gente não pode? [inaudível] sei lá, a gente pegava e combinava todo mundo junto, o que a gente pode fazer, o que é certo ou o que é errado. Mas chega na escola já está tudo imposto não rola. Porque é mais fácil seguir as regras que a gente criou não as que já foram impostas.

JOANA: Mas e se vocês desrespeitassem as regras aqui, o que acontecia?

CRIANÇA: A gente não desrespeitava.

JOANA: Não?

CRIANÇA: Porque as regras eram coisas que a gente gostava.

CRIANÇA: Eram regras que entrava todo mundo num consenso, e às vezes assim, se a gente votasse alguma coisa que era fora do nosso limite, vamos mudar isso aqui.

CRIANÇA: Eu acho que era primeiro saber o que eu posso fazer, para depois descobrir o que eu não devo. Porque, poder a gente pode fazer tudo, mas a gente tem que saber quais vão ser as consequências depois, as boas e as ruins. Eu posso cair, eu vou quebrar o braço. Isso vai ser uma consequência do que eu fiz.

CRIANÇA: Mas eu acho que aqui eu sempre vi o lado bom. Quando eu quebrei o braço, eu não morri. Foi uma coisa ruim. Eu acho que eu vivi mais uma experiência de vida, ou sei lá, eu podia bater nos meus coleguinhas com o gesso, podia me vingar. Eu me lembro disso.

JOANA: Tinha alguma coisa que vocês não podiam fazer aqui?

CRIANÇA: A gente só não podia sair.

CRIANÇA: É, mas ninguém queria sair do colégio.

CRIANÇA: Não podia, mas quem queria sair do colégio?

CRIANÇA: Eu lembro que ficavam fugindo, porque ali, ali naquela parte de grana que tem o clube e tal, não era daquele jeito.

CRIANÇA: Eu acho que era tudo junto.

Bem, depois dessas palavras fica mais difícil encontrar argumentos para não defender as práticas adotadas na Vivendo. Durante o meu caminho na Vivendo fui me construindo Educadora a partir dessas práticas e em alguns momentos me questionava qual era o papel e o espaço das teorias dentro da V&A e aos poucos fui percebendo que:

“A degustação da aventura de aprender é um pressuposto que orienta a prática da V&A. Tal prática tem como efeito colocar o sujeito como centro do seu fazer. A teoria, então ganha, um lugar periférico. Periférico não no sentido de menos importante, mas no sentido daquilo que bordeja o que está no centro, que no caso é o advento do sujeito na sua relação com o saber.” (DUTRA, 2004, p. 33).

Paralelamente a essa minha descoberta eu me construía também como pedagoga na Universidade de Brasília. O que me fez refletir em vários momentos sobre até onde a teoria que aprendia influenciava a minha prática e como a minha prática influenciava os meus olhares para as teorias. E como esses dois espaços colaboram para a minha formação como educadora e como pessoa que ama e acredita na Educação.

Os fortes elos com a Vivendo que me marcaram como educadora em construção e apaixonaram pais e crianças numa aventura pedagógica comum nos colocam a todos, pais, professores e crianças diante da angústia do término: será possível construir outras Vivendos?

O DESAFIO DE IR EMBORA

Nessa associação tem um desafio que aparece sempre no fim do caminho, a pedra de quando a Vivendo acaba: as crianças entram no Ciclo um, vão de ciclo em ciclo até o cinco e de repente “o depois” começa a perturbar, hoje em dia, por causa da nova Norma Federal (segundo as Lei Federal 10.172/01, Lei 11.114/05, Lei 11.274/06 e Lei 9.394/96), em que o Ensino Fundamental passa a ter a duração de 9 anos e se inicia aos seis anos de idade. Por isso, o incômodo para muitas famílias começa no ciclo quatro.

As crianças começam a se mobilizar para se despedir da escola, dar as boas-vindas para a alfabetização e a se preparem para uma nova realidade que vai se aproximando com o passar dos dias. Esse momento de emoção não é só para as crianças, mas para as famílias também: será que eles estão preparados para sair do quintal acolhedor e gostoso e se lançar por aí afora, em lugares onde provavelmente não poderão ser protagonistas também? Como irão construir a educação das suas crianças?

E o desejo de que as crianças devam ir além dos conhecimentos de sala de aula? Aonde elas irão aprendem a dialogar, a defender seu ponto de vista, a construir junto, a pensar em prol do coletivo, para que a competitividade não seja a solução para todos os problemas? Na Vivendo, sabe-se que só há uma maneira de “ensinar” esses pontos, é VIVENDO cada um deles. Por que não seria coerente adotar todos esses ideais, esses desejos, e não praticá-los em cada pequena parte dessa estrutura que é a associação. Na Associação, esse diálogo entre as áreas e os diversos tipos de conhecimentos é fortalecido pelos pais. Na nova escola será assim também?

Esses foram alguns questionamentos que eu presenciei no meu primeiro ano como educadora, durante o qual acompanhei um dos três ciclos 4. Tivemos, nesse ano, que refletir sobre a continuação ou não do ciclo cinco, por conta da nova lei que reduziu a duração da educação infantil. As famílias, acompanhadas da equipe psicopedagógica, tiveram que refletir sobre as possíveis soluções para lidar com essa mudança e sobre qual seria a melhor escolha. Depois de muita reflexão e conversa, formaram-se dois grupos, um que iria continuar na Vivendo, onde as crianças concluiriam o ciclo cinco; outro que optou por matricular as crianças já nas escolas de ensino fundamental. Porém, as angústias sobre o novo para os pais e mães ainda perturbava, afinal, por mais que um grupo de crianças fosse ficar no ciclo cinco, o “fim” estava próximo.

As questões que estavam acompanhando esse grupo também mobilizavam a associação como um todo. Todos os que entram na Vivendo sabem que em algum momento as crianças completam seis anos e um novo passo tem que ser dado.

Foi durante o Seminário Externo “*Por que Sim não é resposta*”, em Novembro de 2009, que teve o encerramento com a palestra do Prof. José Pacheco, idealizador da Escola da Ponte em

Portugal, que várias daquelas interrogações vieram à tona, para toda a Associação, com uma esperança de se enxergar novos horizontes a serem seguidos. O que tornou a ocasião um momento muito especial, repleto de emoção e brilhos nos olhos. Muitos membros da Associação saíram da palestra entusiasmados com a história e prática da Escola da Ponte. Esse exemplo era o que estava faltando para dar o impulso para novos vôos.

Nessa palestra, José Pacheco nos contou um pouco sobre a história dessa escola, como ela surgiu, quais foram os desafios, como ela funciona, quais são seus objetivos. A palestra foi bem descontraída e teve toda a trajetória dessa experiência contada por meio de ‘causos’ vivido por esse educador. Ao ler o livro do José Pacheco *Escola da Ponte Formação e Transformação* (2008) comprehende-se que:

“Nada foi inventado na Escola da Ponte, mas quando se compreendeu que eram precisas mais interrogações que certezas, foram definidos como objectivos:

Concretizar uma efectiva diversificação das aprendizagens tendo por referência uma política de direitos humanos que garanta as mesmas oportunidades educacionais e de Realização pessoal para todos;

Promover a autonomia e a solidariedade;

Operar transformações nas estruturas de comunicação e intensificar a colaboração entre instituições e agentes educativos locais.”

Como uma evidência de que os pais aprendiam com a proposta e com as experiências que a Vivendo propõe, após esse grande momento de aprendizagem formou-se um grupo de discussão, estudo e construção para pensar sobre as possibilidades de uma nova experiência que daria continuidade a uma educação como a oferecida pela Associação Vivendo e Aprendendo. Muitas ideias, muitos sonhos, muita conversa, algumas diferenças, novas utopias. E assim, nasceram dois novos projetos, um que hoje se chama *Associação Casa dos Pássaros* e outro chamado de *Projeto Autonomia*, ambos protagonizados por pais motivados a construírem uma escola ideal para as suas crianças.

A Casa dos Pássaros é uma nova associação de pais, mães e educadores, que já tiveram suas histórias marcadas pela Vivendo e Aprendendo. Esse espaço educativo se constrói diariamente de maneira horizontal e democrática em uma estrutura acolhedora na Fundação Cidade da Paz, que abriga a Universidade Holística da Paz – Unipaz, tem os dispositivos pedagógicos inspirados nos da Escola da Ponte e como um dos pilares fundamentais a participação da família, o que dá sentido à sua organização e gestão associativa.

As aulas na Associação Casa dos Pássaros tiveram início no primeiro semestre de 2011, com um grupo de seis crianças com idade de 7 a 12 anos, que formam uma única turma; não há separação por idade, os subgrupos ou as atividades individuais são organizados por meio do planejamento individual de cada criança. A orientação é feita por um educador e duas educadoras que se revezam durante os turnos de aula.

O outro movimento que surgiu a partir da mobilização de pais que ansiavam por uma nova

escola que desse continuidade á Vivendo e Aprendendo foi o que deu origem ao Projeto Autonomia (ANEXO) Este foi desenvolvido principalmente por pais que estavam interessados em matricular suas crianças na escola pública.

Ao longo da caminhada esse coletivo foi pensando maneiras de levar a Ponte para essas escolas, idéia que já é praticada em outras cidades por projetos que José Pacheco acompanha pessoalmente no Brasil. Assim, o Zé da Ponte foi convidado mais uma vez a vir a Brasília, dessa vez para uma palestra no espaço de uma escola. O objetivo era mobilizar novas pessoas que se identificassem com essa prática. Foi a partir desse encontro que o Projeto Autonomia agregou novas forças e energias. Porém, para que o projeto tomasse corpo de tal maneira que o José Pacheco se comprometesse a acompanhar sistematicamente, era necessário que o maior número possível de professores se envolvessem nessa idéia. Para isso o grupo Autonomia uniu mais pais, mães, educadores de escolas públicas e particulares, professores e estudantes da Universidade de Brasília (UnB), o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras (GEPEPI) e outros interessados em juntar força e inspiração para pensar e desenvolver estratégias que fortalecessem esse coletivo.

Dessa maneira, com o objetivo de valorizar essa iniciativa e dar vida longa a essa esperança, foi criado, no primeiro semestre de 2011, por meio do Programa de Projetos de Extensão da Universidade de Brasília, o Projeto *Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras – Projeto Autonomia*, em que professores da Faculdade de Educação e do Instituto de Psicologia da UnB, estudantes de graduação e pós-graduação, jovens profissionais da educação, pais e educadores de escolas associativas e da rede pública de Brasília se reúnem semanalmente em encontros presenciais e virtuais para pensar junto, desenvolver, conhecer e trocar ideias e experiências sobre as teorias e práticas de um fazer educacional diferente e inovador, na perspectiva de recriar uma escola em que as crianças consigam aprender com autonomia, cooperação e solidariedade em suas práticas diárias durante seu percurso educativo. O documento original do Projeto Autonomia, assim como o Curso *Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras*, pode ser acessado na Plataforma Aprender, da Universidade de Brasília, <http://aprender.unb.br/login/index.php>.

Como tudo isso, aquela pedra, que a princípio foi vista como o fim do caminho das crianças da Vivendo com uma educação diferente, ser tornou a pedra de uma nova ponte a construção de novas possibilidades. Tive a oportunidade de acompanhar desde a germinação até o florescer dessas duas novas experiências, para mim, um dos mais verdadeiros processos de construção coletiva que presenciei. Do Projeto Autonomia pude participar ativamente, desde o desenvolvimento desse sonho, que passou a ser meu também. Durante todo esse percurso, sempre me atentei em observar e refletir sobre qual seria o elo entre a Vivendo e Aprendendo, os novos projetos que presenciei e

participei e a Escola da Ponte, elementos que se relacionaram de maneira tão “orgânica” desde 2009.

Por que a Escola da Ponte, representado pelo Educador José Pacheco, inspirou e marcou tanto os novos projetos?

A Escola da Ponte é uma escola pública onde se tem vindo a construir, desde há quase trinta anos, um projecto pedagógico sólido e inovador, com um forte envolvimento da sociedade local, em particular dos pais, e com um sentido activo e responsável de autonomia institucional.(BARROSO, 2004, p.6)

Conhecer a Escola da Ponte pela palestra do Pacheco em um evento da Vivendo foi um marco extremamente importante na minha formação como educadora.

SEMENTES QUE CRIAM RAÍZES: A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCADORA

Foi vivendo e convivendo com os conhecimentos discutidos na Universidade e com os praticados e construídos na Vivendo e Aprendendo que fui encontrando aos poucos as sementes que iriam formar as raízes do meu ‘eu’ educadora. As sementes que plantei vieram de todos os momentos que vivi até agora, algumas foram encontradas no meio do caminho, como a história, que tanto me inspira, da Escola da Ponte; outras foram oferecidas por pessoas especiais, como os saberes que aprendi com a minha família, amigos e profissionais que admiro; e outras foram colhidas de outros jardins que florescem conhecimento, como os autores Paulo Freire, Vigotski, José Pacheco. Há também aquelas sementes que foram plantadas, mas não se desenvolveram com tanto sucesso e harmonia, seja talvez por causa de ervas daninhas ou porque, simplesmente, o que lhes é necessário para sobreviver não é compatível com as outras partes dessa grande raiz.

A mais recente semente colhida de um diferente jardim foi pela experiência, já mencionada acima, que possibilitou o meu encontro com a da Escola da Ponte por meio de um dos seus fundadores, o José Pacheco, que é educador, apaixonado e engajado em seu sonho. Com esse exemplo pude fortalecer em mim o desejo de fazer parte da transformação da educação e a certeza de que SIM, é possível construir uma escola diferente. Essa semente gerou a raiz que me dá força para continuar nessa caminhada por uma escola inovadora.

Ao olhar para as demais raízes que surgiram ao longo desses últimos três anos e meio, percebo que a primeira semente plantada nesse jardim de raízes foi quando conheci o livro Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, que despertou o interesse para ler alguns de seus outros trabalhos.

Dessa maneira pude passar a perceber a educação com o um ato político (FREIRE, 2003), isso me fez perceber como a Educação é essencial e relevante para as relações sociais e que estas vão muito além dos ambientes escolares. Quando falamos do sistema educacional que é dominante na realidade de nossa sociedade é necessário refletir sobre os por quês de tais fatos e de tais papéis assumidos, sempre considerando o processo histórico envolvido, para que assim possa se construir o posicionamento do educador. Aprendi com Paulo Freire que só posicionar-se contra o sistema atual de educação não é suficiente para lutar contra ele, é necessário ter clareza do por que se é contra, para que assim exista força e argumento para essa batalha.

Paulo Freire me auxiliou para que plantasse a raiz do meu posicionamento político de como desejar a educação, enxergar o educando e o educador. Ao ler o livro Pedagogia da Autonomia (1996) vários aspectos sobre a relação professor-aluno, ensino-aprendizagem foram tratados de uma maneira com que eu me identifiquei.

Uma preocupação que eu sempre tive em minha formação, tanto nos momentos de estudos como nos de práticas, foi de procurar construir ações em que o pensamento crítico e a reflexão fossem a base de todas as minhas práticas, para que assim eu pudesse manter um processo constante de auto-formação. Paulo Freire, nesse momento, contribui com o seguinte pensamento:

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão Crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão Crítica, tem que ser de tal modo concreto que se confunda com a prática.
(IBIDEM, p. 39)

Outra raiz que teve grande contribuição desse pensador foi a do prazer de ser educadora. No segundo capítulo do livro *Pedagogia da Autonomia* (1996), *Ensinar não é transferir conhecimento*, há um sub-capítulo chamado *Ensinar exige alegria e esperança*. Ao relacionar essas duas palavras, alegria e esperança, foi possível perceber o quanto elas são importantes e necessárias para a construção e sustentação de caminhos por uma educação humana. Para isso é preciso que professores e alunos se mantenham unidos nessa caminhada e os desafios que possam impedir a alegria sejam superados com ações repletas de esperança. E assim, com alegria e esperança nas minhas práticas me mantenho, de maneira prazerosa, educanda e educadora.

Quando consegui encontrar o meu ponto de partida e me enxergar no processo de construção e transformação da Educação, principalmente na educação infantil, percebi a necessidade de compreender melhor o desenvolvimento das crianças. Para isso usufrui de sementes de muitos jardins, mas uma em especial gerou uma raiz que se tornou mais profunda ao estudar sobre o brincar e entender como essa ação é rica e fundamental para as crianças da idade pré-escolar: me encontrei com Vigotski.

Os estudos desse autor foram de grande relevância para as novas teorias da Psicologia sobre o desenvolvimento humano a partir do contexto sócio-histórico. As leituras sobre a teoria de Vigotski (2008b) contribuíram diretamente para a construção do meu olhar sobre a criança e seu desenvolvimento e aprendizagem.

Na dimensão sócio-histórica do psiquismo, tudo o que é especificamente humano ocasiona-se da vida em sociedade. Nessa abordagem, a criança não nasce em meio natural; nasce em um mundo humano, em um meio social, em constante interação com os adultos e cresce em torno de objetos e relações historicamente constituídas. Nesse processo interativo, as reações naturais, de resposta aos estímulos do meio, “entrelaçam-se aos processos culturalmente organizados e vão se transformando em modos de ação, de relação e de representação caracteristicamente humanos” (FONTANA, 1997, p.58), reorganizadas a partir da relação com o outro.

Ao refletir sobre as relações sociais, históricas, culturais, afetivas, recordo-me de várias outras raízes que hoje compõem um emaranhado de fios que nutrem diariamente o meu desejo de me manter no caminho pela educação.

A escolha das sementes citadas nesse ensaio foi feita pelo fato de serem embriões que foram se desenvolvendo junto comigo durante esse período em que estive na Vivendo e Aprendendo, onde pude conciliar o estudo, a vivência dos desafios e a prática em sala como educadora. Esse fato não diminuiu o quanto as outras influências e experiências que tive são importantes para mim, para a formação do meu ‘eu’ educadora.

PARA “CONCLUIR” O DIÁLOGO

Ao falar das sementes que geram raízes que dão firmeza para a construção e formação do ‘eu’, percebo o quanto esse ensaio, de maneira geral, me possibilitou por meio do recordar, do reviver, uma re-significação de toda a minha trajetória entre o passo profissional e discente.

Em meus passos pelo campo profissional, o que vivi e aprendi na Associação como educadora e associada servirá como um eterno suspiro de esperança: sempre que um desafio aparecer e tornar o desejo de construir uma prática diferente e autêntica distante terei a inspiração dessa experiência que é a Vivendo, que com trabalho coletivo e muitos sonhos foi construída com muito amor, fé e esperança em uma educação humana.

O que experimentei na Vivendo não servirá de inspiração apenas em minhas atuações escolares, mas também em todos os lugares em que for viver e conviver no coletivo. Isso quer dizer que a Vivendo permanecerá viva em meus próximos passos e etapas da vida.

Acredito que para muitas das questões que me motivaram a escrever esse trabalho não consegui encontrar um resposta exata, por exemplo, saber com precisão onde está escrita a sua história e o por que é raro encontrar locais e pessoas dispostas a desenvolver práticas inovadoras. Assim, enxerguei que não há um lugar certo e exato para as histórias serem escritas. É em cada porquê que se constrói a história, e ainda acredito, que os por quês sem respostas ou os que têm suas respostas mais desafiadoras são esses que nos motivam a continuar na busca por novos caminhos e experimentar novas vivências.

Ao olhar para as minhas experiências na Universidade, percebi que todas as conquistas e conhecimentos desses últimos três anos e meio vieram em momentos de convivência com ótimos professores, grandes educadores, pessoas que se mostram dispostas a trocar conhecimento e experiências e com essa atitude contribuem com diversos jeitos de conhecer mais sobre a educação. Essas descobertas contribuíram de maneira significativa e com sentido para o meu conhecimento. Talvez por conta dessas experiências, me esforço e desejo que tudo o que eu faço ou construo tenha sentido, tanto em minhas ações na vida pessoal como quando estou no papel de educadora.

Enfim, encerrar esse ensaio foi a tarefa mais difícil de todo o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Representou o desafio de colocar um ponto final nesse ciclo, com cuidado para que nele não se encerre a minha caminhada, mas que seja aquele ponto de sustentação para que tudo o que for eu construir daqui para frente, com base nesse tanto de amor, força, esperança, no sonho de uma educação humana.

PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Termino a minha graduação com muita felicidade e orgulho da profissão que escolhi. Com a consciência que são muitos os desafios que estão por vir, mas com a certeza de que é na educação que quero atuar e por ela lutar.

Tenho o desejo de voltar para a sala de aula, de preferência na educação infantil. Sobre esse desejo tenho a expectativa em ser nomeada na Secretaria de Educação do DF e poder atuar na escola pública e por que não, dar continuidade ao Projeto Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras – Projeto Autonomia, assumindo um novo papel.

A vida acadêmica também me atrai, acredito que a educação na Universidade também pode ser inovadora. Fazer um mestrado é o objetivo mais concreto que tenho para o próximo semestre.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. Escrevendo e Aprendendo/ Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo.** Brasília. 2 ed. Ano I. N.1, 1998.
- BARROSO, João. Escola Da Ponte: Defender, Debater E Promover A Escola Pública.** In.: CANÁRIO, R.; MATOS, F.; TRINDADE, R. (Orgs.). **Escola da Ponte: defender a escola pública.** Porto, Portugal: Profedições, p. 6-15, 2004. Disponível em: http://www.4shared.com/get/3vQAQx3Z/A_Escola_da_Ponte.html acessado em 11 de julho de 2011.
- DUTRA, F.; Vivendo a teoria.** Escrevendo e Aprendendo/ Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo. Brasília. 2 ed. N. 2, p. 33-35, 2004.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido.** 36.^a ed. 2003/ 1.^a ed. 1970. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 37 ed., 1996 (Coleção Leitura).
- FONTANA, R. C. e CRUZ, N. Psicologia e Trabalho Pedagógico.** São Paulo. Ed. Atual, 1997.
- PACHECO, J. Escola da Ponte Formação e Transformação.** Brasil: Vozes, 2008. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/55739685/Escola-da-Ponte-Jose-Pacheco> acessado em 11 de julho de 2011
- PEREIRA, E.W. et. AL (Orgs.) Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964),** Brasília: Universidade de Brasília, 2011.
- PEREIRA, E. W. e ROCHA, L. M. F. Anísio Teixeira e o plano educacional de Brasília** In: PEREIRA, E.W. et. AL (Orgs.). **Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964).** Brasília: Universidade de Brasília, p. 27-45, 2011.
- PULINO, L. H. Z.** Trabalho de teorização da prática diária. **Escrevendo e Aprendendo/ Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo.** Brasília. 2 ed. Ano I. n 1. P. 37-42, 1998.
- RODRIGUES M. A. et. al. Para uma memória educativa de Brasília: vozes e imagens de uma utopia.** In: PEREIRA, E.W. et. AL (Orgs). Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Universidade de Brasília, p. 295-313, 2011.
- SERRÃO, R. M., Revivendo e Compreendendo.** Escrevendo e Aprendendo/ Associação Pró-

Educação Vivendo e Aprendendo. Brasília. 2 ed. N. 2, p. 6-7, 2004.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico.** 14^a edição. São Paulo: Cortez, 1986. apud SILVEIRA, C. P. **Uma contribuição para o estudo do ensaio avaliativo** Revista Letras, Santa Maria - RS V. 002, p. 47-55, Julho/Dezembro, 1991.

SILVEIRA, C. P. Uma contribuição para o estudo do ensaio avaliativo. **Revista Letras.** Santa Maria - RS V. 002, p. 47-55, Julho/Dezembro, 1991.

TEIXEIRA, Anísio. **Plano de construções escolares de Brasília.** *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.* Rio de Janeiro, v.35, n.81, jan./mar. 1961. Disponível em: <http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/plano3.html> acessado em 11 de julho de 2011

VIGOTSKY, L. S. **A brincadeira e o desenvolvimento psíquico da criança.** Trad. Zolia Prestes. Rio de Janeiro: UFRJ, revista gis n. 11, p. 23-26, 2008a. Disponivel em <http://www.ltds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf> acessado em 11 de Julho de 2011.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2008b.

Anexos

- 1) Panfleto de Divulgação sobre a Audiência Pública da Câmara Legislativa de Distrito Federal, que ocorreu no dia 31 de Agosto de 2010.



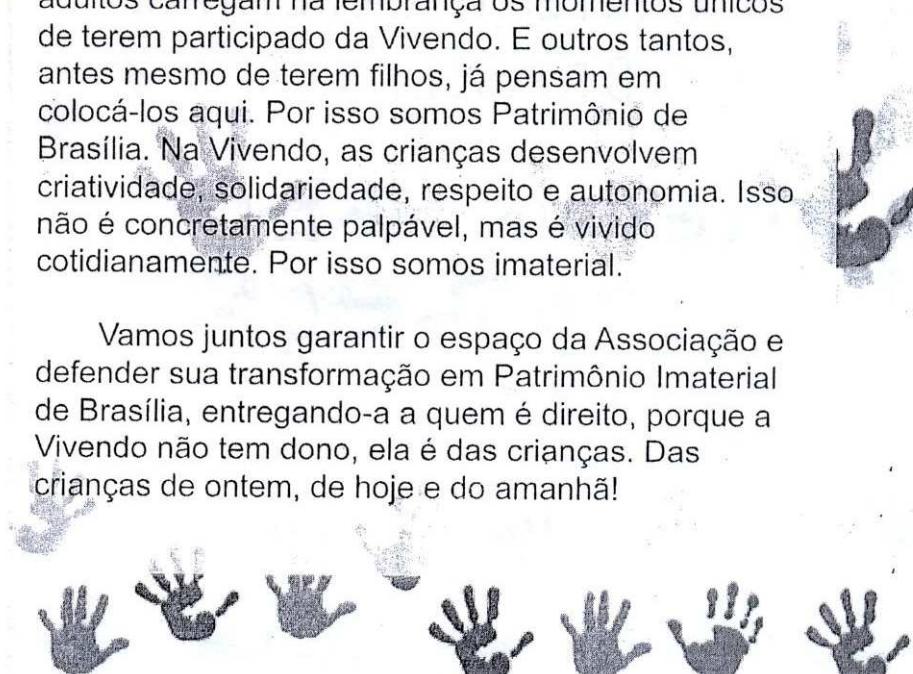


Crianças, motivo de nossa existência.

A Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo promove, há 28 anos, um jeito único de construir a educação infantil de forma associativa em Brasília. Apesar disso, temos passado por situações de insegurança em relação ao nosso espaço. A Associação precisa de uma solução definitiva para esse problema.

Já fazemos parte da cultura do DF. Muitos adultos carregam na lembrança os momentos únicos de terem participado da Vivendo. E outros tantos, antes mesmo de terem filhos, já pensam em colocá-los aqui. Por isso somos Patrimônio de Brasília. Na Vivendo, as crianças desenvolvem criatividade, solidariedade, respeito e autonomia. Isso não é concretamente palpável, mas é vivido cotidianamente. Por isso somos imaterial.

Vamos juntos garantir o espaço da Associação e defender sua transformação em Patrimônio Imaterial de Brasília, entregando-a a quem é direito, porque a Vivendo não tem dono, ela é das crianças. Das crianças de ontem, de hoje e do amanhã!



2) Transcrição da entrevista realizada pela educadora Joana Goes

Eu vou deixar aqui, eu espero que... Já está gravando. Não fiquem assim tímidos por causa da gravação.

- Não gosto disso não.

Você me permite, posso gravar? Bom, já apresentei a pesquisa para vocês, mais ou menos.

Vocês sabem por que estão aqui?

- Mais ou menos.

É para saber quais as lembranças que vocês têm aqui da Vivendo e Aprendendo, quando vocês estiveram aqui, o que mais marcou, essa memória educativa.

- Eu estou meio perdida aqui, mas...

Por isso que eu estou te dizendo como é que vai ser a pesquisa. Primeiro, eu queria que vocês se apresentassem. Pode começar.

- Eu sou a Jade.

Jade, quantos anos?

- Eu tenho treze.

Treze? E você estudou aqui na Vivendo e Aprendendo?

- Eu estudei, no I, II e III.

- (01:24) [inaudível]

- A gente fez o III aqui.

E você?

- Marina Carneiro, eu tenho treze anos, e também a mesma faixa dela, que a gente estava aqui.

- Foi maternal I e II.

Maternal I, II e III não é?

- A gente fez a creche em outro lugar, depois veio pra cá.

- Mas elas fizeram juntas aqui a creche.

E você Marina? Você tem quantos anos?

- Treze. É o mesmo tempo.

Até o III que você ficou aqui?

- Até o três.

Vocês lembram qual era o ano?

- Ano? Devia ser 99.

- 99, vocês são dois anos mais novas.

- Acho que 99.

- Era primeira série para a gene.

- Então com dois anos tem o pré e o infantil III, é uma coisa assim.

- (02:37) [inaudível]

(Risos)

Então...

- Eu sou o Gabriel, eu tenho quinze anos, e estudei aqui desde o maternal, em 93 ou 94, não estou lembrado. Fiquei até 98.

- Eu cheguei aqui no Jardim V e no Pré.

- V? Jardim III.

- Tanto faz, era isso aí.

Você saiu junto com o Gabriel, no mesmo tempo?

- Eles estão aqui há mais tempo. Eu entrei no meio do ano, acho que em 97.

- É, 97.

E eu queria saber se vocês lembram de quando estudaram aqui na escola, o que vocês mais lembram?

- De pegar amora no pé.

De pegar amora no pé?

- Era a diversão.

- Aqui de lanche tem um monte de amora. Eu lembro que a gente planejava fugir da sala.

- Eu lembro quando a gente vinha fantasiado no colégio, todo mundo de Branca de Neve.

- E os (04:01) [inaudível] lembra?

- É, os criados mudos.

Aqui tinha?

- Tinha ali na sala.

- Eu lembro de uma festa (04:14) [inaudível] aí depois pegamos todos os doces que tinham no chão, que tinham sobrado. (04:18) [inaudível]

- É mesmo, aquela passagenzinha ali não era? A gente se escondia naquela passagenzinha.

- Ali era o esconderijo.

O esconderijo?

- Era um corredor aqui.

- Era atrás ali.

- Isso tudo aqui.

- Lá na salinha.

Quem de vocês estudou junto?

- Eles e nós.

É? Está dividido assim? As meninas contra os meninos.

- Na nossa sala só tinha um menino lembra? Era só o professor que tinha.

- Não, no Infantil III teve um menino, que era o Gabriel.

E ele brincava com vocês?

- Não, ele me amava. Ele me adorava, eu não sei o que. Aí eu torturava ele, eu mordia ele.

- Mas aqui não tinha essa diferença de homem de um lado e mulher de outro.

É?

- Era todo mundo junto.

- Mas era assim, a gente meninas e eles meninos. Aí ele adorava ir na minha casa, aí minha mãe diz que ele me amava, me amava, me amava, e eu mordia ele, batia nele.

Você encontra com ele hoje?

- Uma vez eu encontrei com ele no clube. Eu fiquei morrendo de vergonha. Meu Deus.

E ele se vingou de você?

- Imagina.

Que horror. Tinha meninas na sala de vocês?

- Tinha.

Era mais meninas ou mais meninos?

- Era igual.

- Estava dividido.

- A nossa era só menina.

- Mas acontece que a gente teve mais menino, porque o Infantil III já era mais dividido assim as brincadeiras, entendeu, das meninas? Eu acho que é igual ela falou, não era muito diferenciado as coisas. Por exemplo, no Infantil I, logo depois do maternal, era todo mundo brincando da mesma coisa.

- É, nunca foi nada dividido, na verdade. A nossa já tinha mais meninas, porque ninguém botou meninos na nossa sala, mas, brincava todo mundo junto.

A hora do parque, todo mundo brincava junto? Todas as... ou tinha horário dividido?

- Não, era todo mundo junto. E às vezes também era assim, tinha umas aulas assim que aí deixava brincar. Eu lembro que a gente às vezes fugia da sala para ir para o parquinho, sendo que o parquinho é bem ali.

- Eu ficava no parquinho direto.

- A gente fugia da sala para ir para o parquinho.

A portainda era daquele jeito?

- Era.

- Exatamente daquele jeito.

E vocês abriam?

- Era horrível de abrir aquele negócio ali.

- Um puxava assim, e o outro empurrava com o pé a porta. Aí a porta abria. Aí um segurava a porta para o outro passar.

- Lembra daquele, que vivia tendo teatro aqui. Aí tinha um teatro, como é que era?

- Eu lembro.

- Não, não é dos fantoches não, é de umas batucadas, ‘na Cucaratha’, uma coisa assim. Eu lembro que a gente pegou um monte de coisas e saiu pelo portão. Eu lembro que a tia do portão não deixou a gente sair.

Tinha uma tia que ficava no portão? Ela ficava sempre ali?

- Tinha.

- Na hora da saída.

Ela controlava a saída?

- Eu queria sair e ela não deixava. E às vezes a gente conseguia distrair, um distraía ela. Aí ela ia brigar assim, um abria a porta e saía correndo.

(Risos)

- Eu tenho essa letra, dessa música, lá em casa, que meu pai escreveu.

Da música do teatro?

- Foi essa.

- (07:58) [inaudível]. A gente tinha um banheiro dentro na sala.

- Ele tinha água.

Tinha banheiro não é?

- Tinha água.

- Eu falava que queria ir, está bom, vai na sala mesmo. Aí perdia a graça.

- Era tudo na sala, banheiro, água.

Eu vou te pedir para você sentar aqui do meu lado. Pode? Eu vou dividir um pouco.

- Antes do meu aniversário, assim...

- Eu também tive um bem aqui nessa salinha aqui do lado.

Você fez o seu aniversário aqui?

- Eu tive o meu aniversário de seis anos aqui. Foi lá no galpão.

- O meu era de cinco.

Mas como era o aniversário, podia entrar alguém de fora?

- Não, era só da sala. Mas eu acho que eu fiz sem ser da sala.

- Sei lá, foi num sábado ou domingo, foi de futebol, e era para todo mundo ir com uma camisa de time assim. Foi muito legal. Teve o pessoal com fantoche, foi muito legal.

- Tinha um desenho de um bambi em algum lugar, era atrás do muro, sei lá, uma coisa assim.

- Eu lembro que eu também tive um aniversário aqui.

- Eu me lembro só que quando eu fiz aniversário eu não fiz festa de aniversário aqui, mas eu me lembro que eu vim com uma armadura de cavaleiro assim, todo mundo me olhava assim. Eu sou o cara.

- Eu lembro uma vez... ah, foi no meu aniversário. Na minha casa mesmo, da Branca de Neve, aí minha mãe mandou fazer um vestido lindo da Branca de Neve. Aí eu apareci no outro dia no colégio com o vestido.

- Todo mundo viveu Branca de Neve.

- (09:43) [inaudível]

- Eu tenho foto até hoje, acho que era cinco, era eu, você também tinha, não tinha, o vestido da Branca de Neve?

- Foi Cinderela não é?

- É, Cinderela.

- Ela tem Branca de Neve. A Isabel era branquinha, lembra dela?

- Hã hã.

- Gente, eu lembro que ela era ruiva, e era leite aquela menina.

- Era, ela era muito branca.

- A gente era amiguinhas assim, a gente ia para a casa dela, a gente sempre acabava as duas brigando, e eu ligava pra minha mãe: mãe, vem me buscar. E aí minha mãe ia buscar. Aquela coisa bem infantil assim.

Os pais podiam buscar em qualquer horário?

- Não, tinha vez que a minha mãe ia me buscar, eram duas horas da manhã assim. A gente falava que ia dormir.

- A gente acaba brigando, a gente sempre acabava brigando.

- Eu tinha medo de dormir na casa dos outros.

- Eu também, aí eu dizia: não mãe, eu vou. Fazia ela sair meia noite.

- Eu não tive problemas não, na verdade assim, eu nunca tive vontade de dormir não.

- Ninguém quer ficar fora de casa.

Tinham dias, alguns dias eram diferentes aqui? Porque vocês estão falando que vinham de fantasia.

- Eu acho que todos os dias eram diferentes.

Todos, não tinha nenhum?

- Eles não trabalham aquela coisa assim de...

- Rotina não.

Aqui não tinha rotina?

- Não era aquela coisa, por exemplo, pegar um professor e botava naquele diário, sei lá, uma coisa assim, todos os dias da semana e tal.

Um planejamento.

- Era, planejamento. Era assim, eles planejavam fazer um projeto, era sempre à imagem de um projeto. Assim, por exemplo, eu lembro que a gente construiu um boneco, a gente pegava calça jeans, colocava um monte de coisas dentro do boneco, amarrava.

- Ficava naquela sala ali, acho que na verdade continua o mesmo projeto, porque eu vi ali na nossa sala, que foi a última, que é a que eu mais lembro, eu vi um boneco igualzinho desse.

Na sala rosa né?

- Na rosa.

- Tinha uma menina lá com detalhe de rosa.

- Mas tinha a múmia quer era o Gabriel.

Como é que era a múmia?

- Todo mundo tinha um negocinho de enfaixar, e todo mundo curioso para se vestir de múmia.

- Ah, eu lembro disso.

Legal.

-Ficou um negócio, uma coisa caída assim. Como é o nome daquilo? Gaze.

-É.

É, gaze mesmo. Agora eu quero saber o que vocês achavam aqui da Vivendo e Aprendendo quando vocês estudavam.

- O paraíso.

O paraíso?

- Minha mãe falava que eu queria, assim, eu não gostava de ir para outro lugar de jeito nenhum, eu chorava.

- (12:47) [vozes sobrepostas]

- Ela contava que eu ficava enfurecida quando eu tinha que faltar porque eu estava doente.

Então vocês gostavam muito?

- Era uma aventura todo dia.

- E fugir. O que eu mais me lembro era fugir.

- Você era vagabundo.

- Desde criança.

Mas tinha alguma coisa que vocês não gostavam daqui?

- Eu não lembro.

- Não.

Nada que vocês não gostavam?

- Só a tia que não abria a porta.

- Eu não gostava porque a gente não podia ir para a casa de ônibus.
- É, mas fazia parte eu acho que da diversão.
- Eu lembro do chuveiro, a gente combinava de vir de biquíni, roupa de banho, e banhava no chuveiro.

Mas vocês não lembram de nenhuma coisa, alguma lembrança ruim assim que vocês tenham da escola, nada?

- Eu lembro que eu brigava muito com um moleque aqui, e uma vez foi o aniversário de alguém que nem era da nossa sala, e a gente estava no pula-pula e ele me empurrou do pula-pula e eu quebrei o braço.
- Tipo aquele pula-pula que é um muro assim. E aí acho que o Tiago estava subindo no muro, o menino empurrou e ele caiu. Depois encheu o moleque de porrada.

Quem era, aluno do colégio?

- Mas a gente era assim, a gente brigava, chorava, e depois um ia pra a casa do outro.
- Aí no dia seguinte estava tudo bem. No dia seguinte não, cinco minutos depois já... voltava lá e vamos brincar de novo.

Então você não lembra de nada ruim? Nada? Gente, que bom, que escola perfeita essa.

- Agora eu estou lembrando do bequinho ali, do esconderijo. Era engraçado, a gente entrava ali.
- Eu lembro quando nadava.
- Eu lembro do professor. Tinha, dentro da sala, tinha muita gente que fazia depois da aula, fazia natação. Aí o nosso professor levava a gente, levava a gente de mãozinha dada até aquela parte ali.
- Tinha um portão para lá.
- Para lá? Ah, era mesmo.
- Tinha um portão para lá.
- Que era perto daquele colégio ali não era?
- (15:10) [inaudível]
- Aí eu lembro que eu me achava, porque eu fui a primeira a passar para o outro nível, para a outra piscina.
- Aí eu fui, comecei a ir para lá.
- Depois foi a Marina Carneiro.
- Era engraçado.

E eu queria saber assim sobre os professores.

- Marcelo.
- Eu lembro do Marcelo.
- Eu me lembro que quando eu estava na primeira série, no último dia da primeira série, eu cheguei aqui para buscar a minha irmã, ela abraçando o Marcelo, chorando, porque ela não queria sair

daqui.

- O Marcelo gente, o Marcelo ele era muito massa.

Por quê?

- Na verdade eu nem lembro o porque. Eu lembro que eu adorava ele.

- Eu só lembro dele, do Marcelo.

- Ele era...

- Ele tinha o cabelo cacheado né?

- Não, era bem curinho assim.

- É que tinha dois Marcelos. Tinha um deu acho que um semestre, menos de um semestre, acho que no Infantil I, com uma menina, lembra?

Qual era o nome da menina, não lembra?

- É aquele Marcelo que deu aula para a gente na salinha rosa? Aí como só tinha mulher, e ele era o único professor...

- Na nossa sala só tinha ele de professor, no Infantil II, era só um.

- Então, aí ele era o homem da sala, ele ficava chamando a gente de princesas.

- Ah é, ele chamava a gente de princesa.

- Ele pegava no colo, brincava, dava beijo.

- Eu acho que é por isso que não tinha nenhum ponto ruim, eu acho que todos os professores eram muito bons e eles interagiam.

- E era mais, se algum professor chato tentasse vir para cá, e a gente não gostasse, eles não iam deixar aqui, muito tradicional assim.

Eu acho também.

- Talvez eu acho que por isso que foi tão bom. Porque aqui a direção é dos pais, eu acho que dá a opinião não é uma Diretoria, que tem uma certa opinião e não pode passar para você.

- Os pais sempre participando.

É, não é alguém que tem mais poder. É verdade. Ainda é assim.

- Era tipo uma reunião assim de pais para decidir tudo no colégio, projeto, tudo. E tudo passava nas mãos dos pais primeiro, para depois concluir.

E os pais de vocês, participavam sempre?

- A minha mãe participava.

- O meu pai fazia parte de uma Diretoria de alguma coisa lá.

- Teve uma vez que os pais todos se juntaram para construir mais uma salinha, eu acho que era aqui.

Jura? Eles que construíram aquela sala?

- É. Foi no último não é?

- Minha mãe que disse.

- Acho que foi primeira série não é? Não, pré.

- O nosso pré foi lá.

- Por isso que eles se juntaram para construir aquela ali, porque era maternal, aí infantil I, infantil II, infantil III, pré.

E os pais podiam entrar a qualquer hora aqui?

- Acho que podia.

- Eles podiam pegar qualquer hora também, não tinha horário.

- Você entrava num horário, mas se você chegasse oito horas você podia entrar ainda.

Podia entrar? E quando você chegava atrasada, as professoras falavam alguma coisa, o professor?

- Não.

- Os pais sempre vinham juntos pra dar justificativa.

- Às vezes vinham buscar a gente mais cedo.

- Mas nunca teve problema assim.

- Eles sempre foram muito pacientes com a gente. Sempre, sempre, sempre.

Muito pacientes né?

- Muito.

- Eu lembro que eu era...

- Eu acho que era para eu ter cortado a cabeça de alguém, eu no lugar teria cortado a cabeça de alguém.

Por quê?

- É porque eu não tenho muita paciência.

Não tem paciência? Mas vocês ficavam provocando os professores assim, para ver se eles brigavam com vocês ou não?

- Não, a gente sempre gostou deles, então...

Mas às vezes vocês queriam assim que eles brigassem?

- Não.

- Eu acho que não.

Não né, quem é que quer.

- Eles sempre mimaram muito a gente. Eram pacientes e mimo o tempo todo.

- A gente cansava e pedia, vamos brincar lá no parquinho agora.

Vocês sentiam assim que... podia subir em árvore não é?

- Nossa...

- Eu lembro que às vezes acabavam brigando para a gente não subir na árvore.

Por quê? O que ela falava? Por que não podia?

- Eu, na verdade eu não lembro. Ah não, foi porque eu acho que uma vez eu me pendurei em algum galho, ela falou para eu descer.
- É que não conseguia subir.
- Porque as árvores não eram altas.

Você queria subir na árvore?

- Aquela árvore eu acho que sempre foi alta. Nossa, você olhava, lá de cima não dava pra ver embaixo. Você olhava...
- Eu lembro, aquela árvore ali né? A gente olhava e era muito alta. Hoje a gente olha, faz assim e sobe.

Vocês gostavam de subir por quê? O que vocês sentiam lá em cima?

- Aventura.
- Você nunca subiu em árvore, você não sabe o que é subir em árvore.
- A gente tinha um lugar na árvore.

Ai que ótimo.

- É imaginar, sei lá, ficar subindo.
- É, as vezes a gente criava uma casa, ou um barco. A árvore era sempre alguma coisa.
- Tinha um brinquedinho que a gente chamava de foguete.
- É mesmo, o foguete.

Está lá o foguete?

- (20:46) [inaudível]
- Era aquele negocinho que gira, como é o nome daquele negocinho?
- O roda-roda.
- Não, era outro.
- Não, era aquele ali.
- Era o foguete mesmo, o próprio foguete.
- Aquele que tinha ali, e a gente ficava brincando de Mário.
- Que tinha que ficar dependurado.
- Tinha que ficar dependurado.
- Que debaixo era a larva.
- Nossa senhora!

O que tem de diferente aqui que vocês notaram?

- Essa parede aqui.
- Mas eu acho que essa parede, sempre vai ter as mesmas coisas aqui na Vivendo, eu acho que nunca vai ter nada de diferente por causa disso.
- Mas as paredes sempre foram assim, super pintadas, sempre pintadas. Por exemplo, aquele

azulejado sempre passavam alguma tinta em cima.

- Porque se você pegar e rabiscar na parede não tem problema entendeu? Se você fizer um desenho enorme na parede não tem problema.

- Teve uma vez que eu com o Tiago, a gente pegou com spray e fizemos um monte de grafite na parede, ficou muito legal.

- (21:46) que não tinha?

Não, eles estão construindo agora. Aquele negócio laranja lá né?

- Aqui na frente da sala.

- Quando a gente acampou aqui.

Vocês acamparam aqui também?

- Tinha sempre resto de fogueira ali. Sabe aquele negócio vermelho ali?

Sim.

- Era sempre um resto de fogueira, sempre tinha. Agora eles construíram uma (22:20) [inaudível]

Pelo que eu estou vendo aqui, parece que vocês podiam fazer tudo. Podiam mesmo?

- Só não podia xingar a professora e cuspir na cara dela.

Jura?

- Não, mas a gente não era de fazer isso.

- Eu nunca soube o que era palavrões.

- Só na primeira série que a gente aprendeu o que eram palavrões. Palavrão para mim era uma terminologia, olha que palavrão enorme.

Mas quando você aprendeu palavrão, falaram para você que podia falar ou não?

- Não sei como é que eu aprendi palavrão.

- Eu aprendi palavrão no outro colégio, na segunda série.

- Porque era mais misturado. E lá também é muito diferente. Eu lembro que lá, a água... Eu lembro que lá, eu queria vir para cá porque lá tinha uniforme.

- E ainda era cinza o uniforme.

- Ai era cinza, meu Deus!

E vocês não gostavam de usar uniforme?

- Hoje em dia é branco, preto.

- Aqui você podia ir com roupa que você quisesse.

Ah é? Aqui podia usar qualquer coisa não é? Até fantasia vocês estão falando.

- Eu lembro que um nosso amigo vinha pelado para cá. Uma vez ele veio para a nossa casa, para a minha casa pelado, no carro.

- Eu lembro que eu vinha dormindo no carro.

Muito obrigado.

- Eu vinha dormindo no carro e chegava e minha mãe me acordava.

É? E se você quisesse ficar dormindo dentro do carro?

- Não, eu não queria ficar dormindo.

Queria vir para a escola?

- Todo mundo queria vir para a Vivendo. Eu quando ia chegando, eu: vamos, vamos. Eu fazia assim.

- Eu me lembro que a minha mãe, eu estava vendo a escola que eu queria ir, quando eu tive que vir.

E aí eu não sei se a minha mãe te contou isso.

Não, eu acho que não. Pode contar.

- Aí eu estava vendo as escolas, eu vim aqui, eu olhei todo mundo alegre, todo pintando, aí eu cheguei para minha mãe e falei: eu quero ficar aqui, aqui as crianças são felizes.

É? Que ótimo. E nas outras escolas, você via as crianças...

- Essa coisa de tia e não sei o que, e uniforme, e de não poder sair da sala, e fazer tudo o que o professor manda você fazer.

- Vamos pintar...

- Porque aqui eles exploram muito assim, o que você tem para mostrar. E nos outros colégios é assim muito restrito. Tipo, você não pode fazer isso, isso e isso. Tem regras.

- Aqui não tem regras.

Aqui não tinha regras não?

- Tinha. Tinha o combinado.

- Era combinado.

- Tipo, se você não matasse ninguém...

Estava tudo bem. Mas as regras...

- Era o combinado, mas pelo menos aqui se seguia muito.

Se fosse combinado, geralmente afetava vocês também né?

- Eu ficava imaginando quando eu vinha para cá, (25:45) [inaudível] porque nossa, é muito diferente.

- Eu não quero sair daqui não.

Muito diferente.

- Aqui é muito bom.

Vocês queriam continuar aqui?

- A gente falava não para ir para sair da primeira série.

- Depois da primeira série podia ter a segunda.

- Só uma coisa que eu achei que eles, não é, pode ser besteira, mas eles não ensinaram letra cursiva aqui. E eu e o Gabu a gente se ferrou quando a gente foi para a primeira série.

- O que é essas ondinhas, essas bolinhas aí professora? É letra cursiva. Vocês não sabem o que é

letra cursiva? Não.

Vocês gostariam de ter aprendido aqui a letra cursiva?

- Eu acho que a minha irmã, ela já foi para lá, no pré...
- Eu não lembro nada direito a escrever, aí a gente teve que fazer de novo...
- Eles davam, mas era de outro jeito, de outra forma, entendeu? Não era aquela coisa de treinar no quadro várias vezes, no caderno. Acho que a gente nem tinha caderno.
- Caderno?
- Mochila, eu acho que eu só comprei mochila porque eu estava empolgado.

Aquela coisa de estou indo para a escola.

- Botava a roupa dentro.
- Eu lembro que botava roupa dentro.
- Mas quando a gente mudou também, a gente mudou para o interior, infantil. Por exemplo, a professora de inglês era muito boa. Era assim mais ou menos um estilo parecido com o daqui, mesmo ritmo assim. Então a gente aprendeu fácil. Mas eu ia passar por um processo de aceleração, ia para a primeira série. Só que nossa, ainda bem que eu fiquei, porque, primeiro que eu ia ficar com elas, e depois porque, tipo, eu ia sofrer muito, se eu fosse para a primeira série sem saber escrever.

Mas qual a maior diferença que vocês acharam quando vocês foram para outra escola?

- Tudo.
- Tudo era diferente? Por quê? O que era que tinha diferente?**
- Porque aqui o recreio era quando a gente pedia.
- Acho que falta de natureza, falta de cor.
- E também, por exemplo, no outro colégio tem muita divisão, entendeu?
- É tudo separado.
- É tudo separado, nada, por exemplo, a nossa sala, por mais que seja meio mesinha assim, é muito separado. Tem assim, tem panelinha tal, panelinha tal. Aqui era todo mundo brincando com todo mundo, brincava o tempo inteiro.

E os professores, qual era a diferença que vocês sentiram, dos professores daqui?

- Mais rígidos.
- Assim, exigem mais.
- Eu acho que eles nos botavam medo. Eu lembro da lista negra, eu tinha muito medo da lista.
- Ah sim, estou ligado.
- Que se a gente conversasse demais, ela ia botar a gente na lista negra. Acho que impõe medo, eu acho que tem dois jeitos de você ganhar respeito de uma pessoa: ou você conhecendo a pessoa, vendo, ou impondo medo para você.

É verdade.

- E eu acho que o JK faz uma coisa, quer dizer, os outros colégios fazem uma coisa e esse aqui faz totalmente diferente.

Lá as regras são feitas por quem lá no JK?

- Sei lá quem.

Quando vocês chegaram lá já tinham regras?

- É. Aqui a gente não tinha, a gente fazia as regras. A gente reunia todo mundo da sala.

- Nossos pais, eles se importavam com a gente, com os alunos, com os filhos.

- A diferença eu acho que era aqui ensina, o que os outros colégios ensinam o que não pode ser feito, e aqui o que pode ser feito.

Legal isso.

- E o professor com a gente também. Porque, assim, os professores e os pais interagiam da mesma forma com a gente. E o professor estava lá dando a aula, mas eles davam atenção.

- Mas é assim, você sabendo o que você pode fazer, e aquilo que você também não deve fazer.

Aqui?

- Por exemplo, a gente deixa você subir na árvore, mas se você cair e quebrar a perna, você já vai saber o que você não deve fazer.

- Tem que pegar no galho.

- É uma forma também de aprender, entendeu?

É verdade.

- Eu lembrei do jacaré. Acho que tinha um desenho de um jacaré.

- Um jacaré?

- É tinha um jacaré.

- Eu não lembro do jacaré não.

- Tinha um jacaré vermelho ali no canto.

- Eu lembro de algum jacaré nesse lugar aqui.

Bom, eu vou fazer uma última pergunta aqui, porque eu acho que já está bom. Eu queria saber qual é a coisa mais importante que vocês aprenderam aqui na Vivendo e Aprendendo, que vocês acham que vão levar para o resto da vida.

- Liberdade.

A liberdade?

- Eu acho que eu não aprendi nada aqui não.

Ou será que aprendeu? Jura? Não aprendeu nada?

- Não, sim, aprendi. Eu não lembro de muito daqui, muita coisa.

- Todo mundo interagia muito. Eu acho legal daqui porque ninguém tem medo de ser o que é,

ninguém tem esse medo. No colégio, nossa, você faz uma coisa, você: e agora?

- Todo mundo te vaia.

- E agora, será que eu vou ser vaiada, entendeu? Aqui você fazia meu filho, e você fazia de novo, e de novo, até que cai, opa.

- Ele botava tinta no corpo e saía correndo. Eu lembro da Cecília, ela adorava cavalo, essas coisas. Ela desenhava cavalo, ela era louca por cavalo, e todo mundo tinha a sua personalidade. Só que todo mundo tinha uma coisa em comum, essa coisa de liberdade de expressão.

- Sabe, igualdade assim. Por exemplo, nas regras, a gente que ia escolher. Por exemplo, não era combinado. Todo mundo se reunia, falava, é o seguinte: o que a gente pode fazer e o que a gente não pode? (32:41) [inaudível] sei lá, a gente pegava e combinava todo mundo junto, o que a gente pode fazer, o que é certo ou o que é errado. Mas chega na escola já está tudo imposto não rola.

Porque é mais fácil seguir as regras que a gente criou não as que já foram impostas.

Mas e se vocês desrespeitassem as regras aqui, o que acontecia?

- A gente não desrespeitava.

Não?

- Porque as regras eram coisas que a gente gostava.

- Eram regras que entrava todo mundo num consenso, e às vezes assim, se a gente votasse alguma coisa que era fora do nosso limite, vamos mudar isso aqui.

- Eu acho que era primeiro saber o que eu posso fazer, para depois descobrir o que eu não devo. Porque, poder a gente pode fazer tudo, mas a gente tem que saber quais vão ser as consequências depois, as boas e as ruins. Eu posso cair, eu vou quebrar o braço. Isso vai ser uma consequência do que eu fiz.

- Mas eu acho que aqui eu sempre vi o lado bom. Quando eu quebrei o braço, eu não morri. Foi uma coisa ruim. Eu acho que eu vivi mais uma experiência de vida, ou sei lá, eu podia bater nos meus coleguinhas com o gesso, podia me vingar. Eu me lembro disso.

Tinha alguma coisa que vocês não podiam fazer aqui?

- A gente só não podia sair.

- É, mas ninguém queria sair do colégio.

- Não podia, mas quem queria sair do colégio?

- Eu lembro que ficavam fugindo, porque ali, ali naquela parte de grana que tem o clube e tal, não era daquele jeito.

- Eu acho que era tudo junto.

- Não, era um monte de grade estranha, um monte de árvore e eu lembro que a gente fugia, e tinha uma árvore que tinha muito morcego.

- Eu lembro quando a gente acampou aqui.

- Tinha uma casa ali na esquina também, acho que era um barraco, um velho, não sei, alguma coisa, que todo mundo tinha medo.

Ainda tem.

- E a gente subia, pegava alguma coisa que dava para ficar vendo o cachorro. E todo mundo queria. E o Diretor falava que não podia, tirava a gente de lá.

- Por mais que a gente não pudesse, eu acho que era mais uma aventura de chegar até lá, olhar o cachorro.

- Mas assim, além deles tirarem a gente, não sei o que, não pode, mas a gente também tinha muito medo, então a gente não ia lá. A gente ia, e ele não, meu Deus, não sei o que, e aí eles tiravam.

Tem mais alguma coisa que vocês querem dizer, lembram daqui?

- Não, o que eu mais lembro é de subir na árvore e o professor ficar, por favor, volta.

- Várias vezes que você quebrou alguma coisa foi aqui.

- Não, eu só quebrei uma vez só aqui.

Você quebrou o que?

- Já quebrei as duas pernas, os dois braços.

- Clavícula.

- Eu lembro do projeto que eles fizeram com o boneco, era um amigo nosso. Era um boneco, aí eles deram calça jeans para a gente, aí você amarrava as pontinhas da calça jeans e botava jornal, enchia.

- O espantalho?

- Não. Botava jornal. Aí depois fazia a blusa, botava a blusa, e deixava na sala.

- Está até ali. Você não viu não?

- Não está o nosso, mas, assim, é parecido.

- Eu não vi.

É, você chegou agora não é? Vocês gostaram de vir aqui hoje? Lembraram?

- Muito bom.

- Eu acho que tem quinhentas coisas para se lembrar.

- O problema é que eu não achei nenhuma amora nas árvores.

- E eu vinha, ai meu Deus, o que eu vou falar? Porque eu não lembra de nada.

- É.

- Eu cheguei aqui, eu nossa! Olhei, caraca, eu falei nossa!

- Eu lembro que a gente comia amora mesmo do chão.

- A gente catava as vermelhinhas, nem que tivesse no chão, no tronco.

- Eu preferia pegar as pretas, só que ficavam longe nas folhas. Qualquer amora que a gente achava, não, vamos comer amora. Porque às vezes elas estavam meio brancas, as pretas, as vermelhas.

- Você comia com aquela cara.

- E aquelas redondas?

- Amora é muito bom.

- Tinhama umas azedonas no meio.

Vocês conseguiam descer da árvore assim?

- Sim.

- Era mais difícil descer.

Você disse que não subia não é?

- Eu subi bem pouquinho, porque eu não conseguia descer direito.

- Eu lembro que essa árvore aqui, ninguém subia nessa árvore. Você era...

- Alta para a gente né?

- Para a gente era assim mim...

- Para a gente era difícil porque era grandona.

- Eu lembro que a gente sobia até o topo e ficava lá.

- E parece que não cresceu nada, parece que está igualzinha.

Está do mesmo tamanho?

- É.

- Parece.

- Não deve estar, mas...

- A única que eu achei que não estava mais do mesmo tamanho é a das amoras, porque era mais fininho assim. Eu subia, balançava assim.

- Eu lembro também, sei lá, a gente aprendeu a brincar com bolinha de gude. A gente ia lá para o parquinho, cavava três buracos na areia e ficava jogando, tinha que acertar os buracos, caramba, era muito...

- É teve a época da bolinha de gude, teve a época de não sei o que.

- A gente ficava cavando na terra. Eu lembro que a gente uma vez achou uma garrafa na terra. Aí a gente viu assim, aí a gente foi tirando, e a gente foi cavando e olhando assim. Por mais que não gravasse bem, eu acho que lembrar disso, dessas coisas, parece legal. Parece que é sei lá, uma garrafa enterrada pelos piratas. Ficava imaginando essas coisas.

- E quando alguém achava uma lagarta na árvore, aquelas lagartinhas de fogo, ‘lagarta, lagarta’. E todo mundo parava e olhava, e ela caminhando, e a gente olhando.

- Lagarta!

- Todo mundo amava as lagartinhas.

- E era de fogo.

- É, de fogo, lagarta de fogo, não toca que vai queimar. Não toca.

Quem falava isso?

- Todo mundo.

Vocês já sabiam né?

- Todo mundo falava não toca que queima, não pode.
- Eu ficava olhando só a lagarta.
- A gente sabia o que era lagarta de fogo, lagarta que virava borboleta.
- Eu lembro dos casulos que ficavam bem ali.
- Eu lembro de vários casulos no pé de amora, na amoreira. Amoreira que fala?

Eu acho que é.

- A gente esperava assim a borboleta.

Muito legal. Eu acho que já está bom. Eu gostei.

- Vai ficar gravado né?

Eu espero, porque senão eu vou mandar vocês voltarem e vocês vão ter que falar tudo de novo, na mesma ordem e do mesmo jeito, rir na mesma hora. Então pronto, então vamos dar um tchau aqui para o gravador.

- Tchau (todos) (risos)

Vamos ver se eu consegui.

"ONDE O AMOR IMPERA, NÃO HÁ DESEJO DE PODER; E ONDE O PODER PREVALECE, HÁ FALTA DE AMOR. UM É A SOMBRA DO OUTRO." - CARL GUSTAV JUNG